

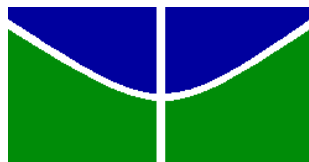


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM UMA  
ESCOLA BILINGUE DE BRASÍLIA: UM ESTUDO  
EXPLORATÓRIO.**

**LUANA PRICILLA DOS SANTOS**

**Brasília, novembro de 2012**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM UMA  
ESCOLA BILINGUE DE BRASÍLIA: UM ESTUDO  
EXPLORATÓRIO.**

**Comissão Examinadora:**

**Professor Doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha (orientador).**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professor José Luis Villar Mela (examinador)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professora Inês Maria Z. Pires de Almeida (examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Trabalho Final de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia, à Comissão  
Examinadora da Faculdade de Educação  
da Universidade de Brasília, sob orientação  
do Profº. Dr. Paulo Sérgio de Andrade  
Bareicha.**

**LUANA PRICILLA DOS SANTOS**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram de alguma maneira para sua execução, em especial a minha família, por todo o apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço antes de tudo, a Deus, por ter iluminado a minha trajetória desde o primeiro dia de aula na Universidade e por ter me dado forças para continuar firme e forte até o último dia.

À minha mãe, mulher guerreira que sempre lutou para me dar sempre do bom e do melhor, amor, carinho, educação e por ter me criado sozinha me apoiando sempre em todos os meus sonhos.

À minha família, que sempre está presente na minha vida, nos momentos bons e ruins, mostrando que a família é o melhor presente que alguém pode ter.

Às professoras, colegas de trabalho, em especial Juliana Magalhães que tanto me ensinou sobre essa profissão em tão pouco tempo e Ana Luisa por me ensinar que educar é, acima de tudo, uma lição de amor, e não posso deixar de mencionar a Isabela, professora exemplar que admiro muito.

E aos professores da Faculdade de Educação por toda aprendizagem e lições que tive durante a minha formação.

## **SUMÁRIO**

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>PARTE 1 - MEMORIAL EDUCATIVO</b>	<b>10</b>
<b>PARTE 2 – MONOGRAFIA</b>	<b>15</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>15</b>
Objeto de Estudo	15
Relevância do Estudo	15
Objetivo Geral	15
Objetivos Específicos	15
<b>CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>18</b>
1.1 Contextualização da Trajetória dos Professores no Brasil	18
1.2 A Formação de Professores	21
1.3 A Formação Continuada	27
1.4 A Interdisciplinaridade	27
1.5 Aquisição da Segunda Língua	32
1.5.1 Bilinguismo	32
1.5.2 O Bilinguismo e o seu Processo de Ensino-Aprendizagem	35
1.5.3 A Melhor Idade para a Aquisição da Segunda Língua	36
1.6 Organização do Trabalho Pedagógico	38
<b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA</b>	<b>41</b>
2.1 Metodologia Utilizada	41
2.2 Critérios de Seleção dos Participantes	42
<b>CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>43</b>
3.1 Contextualização da Escola	43
3.2 Caracterização da Turma	51
3.3 Espaços	52

<b>3.4 Rotina do Intermediate Kindergarten</b>	<b>53</b>
<b>3.5 Tempo</b>	<b>54</b>
<b>3.6 Questionários</b>	<b>56</b>
<b>3.7 Análises Discursivas</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>77</b>
<b>PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>84</b>

## RESUMO

O presente trabalho enfoca a organização do trabalho pedagógico em uma escola bilíngüe de Brasília, tendo como objetivo principal investigar a organização do trabalho pedagógico na opinião de professores, destacando a formação desses na relevância do desenvolvimento da criança na imersão da segunda língua, além das estratégias que essas utilizam para facilitar o processo de ensino-aprendizagem destacando as dificuldades enfrentadas pelas crianças da faixa etária observada. Os sujeitos da pesquisa foram os professores e os pais, tendo sido utilizados questionários para coleta de dados e análise e interpretação dos mesmos. Conclui-se que o trabalho é fundamental para análise e compreensão do trabalho pedagógico e como esse vem sendo visto, pelos professores e pais, que fazem parte da escola observada.

**Palavras-chave:** Organização do trabalho, bilingüismo e formação de professor.



## **ABSTRACT**

The following project focus on the organization of pedagogical practices in a dual language school in Brasilia. One of the main objectives of this work is to investigate the importance of the teacher's training to the child development in the second language immersion. Also strategies used to alleviate the learning process are investigated highlighting the difficulties faced by children in the observed age group. The subjects to the research were teachers and parents who answered interview questionnaires for the data collection which was analyzed and interpreted. We conclude that the job is critical to the analysis and understanding of the pedagogical work and how this is being seen by teachers to parents who come to school observed.

**Keywords:** Practice organization, bilingualism, teacher training

## APRESENTAÇÃO

O estudo apresentado a seguir teve como inspiração uma escola de ensino regular de Brasília, constituída em 21 de novembro de 2005. Desde que entrei para o seu corpo docente, pude notar a diferença de ensino e metodologia adotada pela escola.

O sistema da escola integra a Educação Infantil e o Ensino Fundamental até o 5º ano; é uma instituição privada que está presente em cerca de 18 países, e que vem oferecendo capacitação corporativa, recrutamento de professores, contato com o idioma inglês e gerência de projetos educacionais.

O método da escola traz para o Brasil as práticas modernas de educação bilíngüe canadense.

A escola tem como um dos objetivos, cuidar e educar as crianças ampliando suas experiências e conhecimentos, dando um significado à convivência da criança em sociedade, além de assumir o compromisso de educar crianças de dois a dez anos, contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática.

Conforme a Proposta Pedagógica da Escola observada (2010, p. 07) apresenta ainda alguns objetivos específicos:

1. Oferecer ensino de excelência, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo;
2. Ofertar ambiente favorável à construção de habilidades e de competências na perspectiva bilíngüe (Português e Inglês), facilitando, ao final dessa etapa a comunicação e a expressão de forma eficaz nos dois idiomas.
3. Fornecer aporte teórico metodológico, para o processo de alfabetização e letramento das crianças, na Língua Portuguesa e Inglesa.
4. Promover ambientes diferenciados para o desenvolvimento das múltiplas linguagens pertinentes a cada etapa de ensino.
5. Valorizar a pluralidade cultural, oferecendo espaço próprio à aquisição da segunda língua, o inglês;
6. Oferecer recursos para que os educandos satisfaçam suas necessidades e desejos e os expressem de forma autônoma e natural;
7. Valorizar a pesquisa e as vivências dos educandos como aporte para aprendizagens significativas;
8. Criar condições para o desenvolvimento do educando, assegurando-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania; [...]

## PARTE I

### MEMORIAL EDUCATIVO

Sou Luana Pricilla dos Santos, brasiliense e sempre morei nessa cidade maravilhosa. Nasci dia 23 de julho de 1991. Sou filha de pai brasiliense, Orlando Alves e mãe Cearense, Maria Diozana, sou filha única e muito amada. Seria injusto da minha parte, falar de mim sem fazer uma referência em especial a minha mãe, afinal é a minha base, sem ela eu não seria quem sou hoje, foi graças a ela que pude estudar nas melhores escolas de Brasília, desde pequena.

Aos sete meses de idade minha mãe me colocou em um berçário chamado CNEC localizado na Asa Norte (DF), ficava durante a manhã e tarde, minha mãe ia me buscar todos os dias no finalzinho da tarde. Dessa escola infelizmente eu não tenho nenhuma lembrança pelo fato de ser muito novinha, mas a minha mãe adorava a escola e as minhas professoras, tenho várias fotos que revelam que fui muito bem tratada lá. Entrei muito cedo, pois meus pais trabalhavam o dia todo e não tinham com quem me deixar e a minha mãe nunca gostou da idéia de contratar uma babá.

Em 1998, aos seis anos de idade, minha mãe optou em me colocar na escola VIVER também localizada na Asa Norte, onde realizei a minha alfabetização. Não consigo me lembrar, mas minha mãe sempre me diz que eu adorava a minha professora que me introduziu no mundo das letras.

Não estudei em muitas escolas, foram apenas três e, em 1999, uma amiga de infância foi estudar na escola La Salle, localizada na Asa Sul (DF); e acabei indo junto. Foi nessa escola onde tive experiências maravilhosas, afinal de contas eu passei nada mais nada menos do que dez anos da minha vida lá, conheci amigos que levo comigo até hoje e professores exemplares que nunca vou esquecer. Dentre várias atividades extra classe, eu realizei diversas, como, dança estilo jazz, vôlei, futebol, canto coral e, principalmente, o teatro. Em todas essas atividades sempre realizava algumas apresentações. Eu era uma aluna de sentar na primeira carteira para que pudesse prestar mais atenção na aula, no fundo sempre tinha os meninos que conversavam o tempo todo e isso atrapalhava. Sempre fui esforçada e estudava bastante para não ficar de recuperação.

Estudava no turno matutino, mas devido à separação dos meus pais aos meus nove anos, comecei a fazer essas atividades extra classe. Então eu estudava de manhã e

fazia as outras atividades durante a tarde, dependendo da época do ano, quando chegava mais perto das provas alguns professores ofereciam uma espécie de reforço que os alunos que tivessem interesse podiam participar, sem falar nas aulas que a escola oferecia para os alunos interessados em cursar o PAS, mas muitos alunos optaram em fazer um cursinho fora da escola, mas como a minha locomoção era mais difícil eu acabei fazendo as aulas do La Salle mesmo.

Em relação às matérias, lembro que dependia da série que eu estava no meu ensino fundamental me lembro que eu detestava a matemática, acredito que não tinha ido muito com a cara do professor, pois quando cheguei ao Ensino Médio comecei a gostar da disciplina devido ao meu professor Everton que era espetacular. Nunca vi um professor de matemática tão inteligente quanto ele. Não sei como, mas ele transformava a matemática em algo super interessante, onde os números que antigamente não faziam o menor sentido passaram a fazer parte de uma espécie de leitura e tudo ficou mais fácil a partir de então.

Agora, nunca fui muito fã de química e física. A minha sorte é que tive professores maravilhosos e inteligentes que também conseguiram fazer com que eu entendesse essas matérias que não são nada simples. São poucos os professores que me recordo tanto dos nomes quantos dos rostos, mas o Crispim, com suas brincadeiras e leis da física fazia com que as aulas se tornassem mais divertidas. Já o João, meu professor de biologia não tem igual, as suas aulas foram as melhores de todas, está para nascer um professor como ele, a genética e os reinos eram as coisas mais fantásticas que podíamos ver no Ensino Médio, apesar da confusão que eu fazia com os tipos de grupos sanguíneos, o João fazia uns esquemas para que nenhum aluno esquecesse na hora do vestibular, ele trabalhava em conjunto com a professora Cláudia, que também não ficava para trás, ela não era nada engraçada, mas fazia muito bem o seu papel e mostrava pra quê estava lá.

Na língua portuguesa, era uma tristeza, por incrível que pareça as professoras não eram tão boas assim. Não sei se eu era a única que achava isso, mas a minha luta com a literatura não foi muito fácil, tive professoras bravas que achavam que eram as donas do conhecimento e isso dificultou um pouco o aprendizado, mas isso é passado. Mais para frente vou poder falar de outra experiência e essa sim foi boa, pois aprendi o que já deveria ter aprendido antes.

Educação física, como eu dei trabalho para os meus professores, sinceramente eu nem sei como eu passava de ano nessa disciplina, na verdade eu nem sei como eu

tirava notas altas se eu não fazia nada, praticar algum esporte era um sacrifício, não gostava de ficar correndo em volta da quadra antes de iniciar alguma atividade, sendo sincera sempre detestei educação física, porque, eu sempre saía machucada.

O Inglês da escola nem me interessava tanto assim, porque era mais a gramática e não tinha nada de fluência, foi então que minha mãe decidiu me colocar no cursinho de Inglês, comecei fazendo Inglês na Cooplem, mas não gostei tanto da metodologia, cursei apenas um semestre e transferi para outro curso chamado Long Lan, mas também, só cursei um semestre e em seguida fui para a Wizard, onde estou cursando até hoje, falta apenas um semestre para a minha formação, quando entrei para a Wizard tomei gosto pelo inglês, comecei a ouvir muita música e a assistir vários filmes em Inglês, foi assim que tive vontade e incentivo para realizar esse trabalho sem antes falar da escola onde trabalho atualmente, a Maple Bear foi a maior incentivadora desse tema.

No final de 2008, quando tive que fazer a escolha de qual curso gostaria de seguir para a minha vida, foi o maior desespero, afinal eu tive que fazer uma decisão difícil, muito cedo, mesmo porque aos dezessete anos eu não tinha a certeza do que gostaria de seguir para toda a minha vida, foi então que optei por Pedagogia na UnB, mas ao mesmo tempo prestei o vestibular do CEUB, para Psicologia. O resultado do CEUB saiu primeiro que o da UnB, e como tinha sido aprovada, minha mãe fez a minha matrícula para Psicologia. Como estava certa de que iria cursar apenas Psicologia, pois na minha cabeça eu não tinha chance nenhuma de entrar para a UnB, acabei indo viajar para Fortaleza com a minha mãe. Quando foi o nosso último dia de viagem a minha tia Dioneuda me liga logo cedinho, consequentemente me acordando, para dar a notícia de que eu tinha sido aprovada na UnB pelo PAS. Eu nem acreditei. Sai correndo para olhar o resultado no computador do hotel, foi então que li meu nome na lista dos aprovados.

Foi a maior alegria para toda a família, afinal eu fui a primeira a entrar na UnB. Assim que voltei de viagem fomos todos para a pizzaria D'Mama comemorar a minha aprovação. Em janeiro de 2009 acabei cursando Psicologia no CEUB e Pedagogia na UnB, foi um semestre maravilhoso, conheci pessoas inesquecíveis que me ajudaram bastante nesse primeiro momento, mas também passei por momentos complicados no CEUB. De qualquer forma aprendi muito com professores e colegas, mas ao final do semestre minha mãe decidiu comprar um novo apartamento, com isso tive que abandonar o curso de Psicologia logo no primeiro semestre, devido a questões financeiras. Uma motivação foi de que eu voltaria ao curso logo que terminasse

Pedagogia, mas com o passar dos semestre na UnB, eu pude perceber que Psicologia não era o curso que gostaria de fazer, hoje em dia não me vejo dentro de um consultório, ouvindo os problemas dos outros e sim dentro de uma sala de aula com crianças.

No meu segundo semestre de Pedagogia, minha tia Diozete me convidou para dar aulas particulares para o seu filho que estava de recuperação em algumas matérias. Logo quando ela me ligou, disse que era apenas matemática e português, no meu primeiro dia de trabalho, quando fui olhar o boletim do meu primo Carlos, notei que suas notas eram vermelhas em quase todas as disciplinas, foi então que passei a dar aulas todos os dias de tarde, a cada dia podíamos estudar aproximadamente três ou quatro matérias. A minha maior dificuldade nisso tudo, é que meu primo não conseguia me enxergar como sua professora e sim como sua prima, e meu maior medo nessa situação é que se ele não conseguisse ser aprovado no final do ano e eu acabaria sendo a culpada disso tudo. Isso eu não conseguia suportar. Foi assim que fui atrás de outro emprego como free lancer (trabalho temporário de final de ano) no Park Shopping. Deixei meu currículo em várias lojas, mas acabei sendo contratada na Kipling. Passei quase três meses trabalhando lá, mas o que eu queria mesmo era trabalhar na minha área e em março de 2010 eu recebi uma mensagem no meu celular: era uma proposta do CIEE para um estágio, no Colégio Le Petit Galois, no dia seguinte fui fazer o exame que o CIEE aplica, quando cheguei ao local, havia aproximadamente 50 meninas para a vaga que não tinha sido divulgada a quantidade, inclusive duas amigas do curso de Pedagogia, estavam lá concorrendo junto comigo.

Após terminar a redação do CIEE, fui conversar com a psicóloga deles, ela pegou todos os meus dados e disse que ligaria para dar o resultado. Eu já estava crente de que não seria aprovada, pelo fato de ter várias meninas concorrendo. Dentro de duas semanas, ligaram-me do CIEE dizendo que tinha sido aprovada. Quando cheguei ao Le Petit Galois, havia mais quatro meninas para apenas uma vaga. Todas fizemos uma prova escrita com aproximadamente cinco páginas, além de uma apresentação na frente de todas e uma conversa com a psicopedagoga e coordenadora da escola.

Depois de um mês elas ligaram-me dizendo que eu tinha sido aprovada na seleção delas, foi um momento de euforia, fiquei tão feliz que não sabia o que fazer, quando comecei a trabalhar lá, eu aprendi tantas coisas com a professora regente, Juliana Magalhães, nunca tinha visto uma professora daquele nível. Ela é simplesmente excelente, aprendi muito em tão pouco tempo, nem tive a oportunidade de trabalhar com

ela tanto tempo, quatro meses depois surgiu a proposta de trabalho numa escola bilíngüe, a estou trabalhando atualmente.

Comecei o estágio em agosto de 2010, um pouco apreensiva por ter largado o outro estágio, mas estava empolgada por ter que lidar com uma situação completamente diferente, já que agora não poderia mais poder falar em português, tinha que começar a usar meu Inglês fora do cursinho, e eu nunca tinha feito isso antes. No início do estágio, achei um pouco complicado, pois a metodologia da escola era completamente diferente da que eu estava acostumada. Na outra escola eu nem podia ter tanto contato físico com as crianças e logo de cara na Maple Bear fui surpreendida já que lá todos pediam para que eu fosse pró-ativa e ter mais contato com as crianças.

Assim que entrei na escola, recebi o cargo de professora assistente de uma turma de cinco/seis anos de idade e permaneci até o final do ano, no início do ano de 2011 fui para uma turma de “JK”, crianças de quatro anos, mas fiquei apenas duas semanas devido a problemas com a professora regente. Então acabei voltando para a turma de Intermediate Kindergarten e sei que vou trabalhar o ano de 2012 com a mesma faixa etária e as mesmas professoras regentes.

Tive um grande aproveitamento de conhecimento com as duas professoras, tanto a de Inglês quanto a de Português, elas ensinaram-me uma diversidade de conteúdos e me acolheram durante o ano letivo, gosto bastante do meu lugar de trabalho e tenho pensamento positivo de crescer dentro da empresa.

Devido ao meu trabalho nessa escola, foi que eu tive o interesse de buscar saber mais sobre o bilingüismo e sobre como as crianças lidam com a segunda língua. Queria aprender um pouco mais sobre esse processo e suas conseqüências, como forma também de poder ajudar ainda mais os meus alunos e compreender o meu real papel como professora, na influência de uma segunda língua. Devido a tamanha curiosidade decidi aprofundar-me em leituras e estudos sobre o bilingüismo, gerando então o tema da minha pesquisa monográfica.

E agora é com grande alegria que venho concluindo a minha formação em Pedagogia, e nesse momento tenho muita esperança de ensinar as crianças com todo o investimento que a educação deve ser tratada.

## **PARTE II – MONOGRAFIA**

### **JUSTIFICATIVA**

Com o mundo de hoje, é normal que os pais venham se preocupando cada vez mais cedo com o futuro dos filhos e quando se fala de mercado de trabalho, não basta que a pessoa saiba falar apenas a sua língua materna, exigisse-se no mínimo o conhecimento de duas línguas e, devido, a esse fator os pais vêm buscado cada vez mais escolas bilíngües para que seus filhos aprendam precocemente uma segunda língua.

Vendo por esse lado, vem aumentando bastante o número de escolas bilíngües no Brasil, inclusive em Brasília existem cerca de cinco escolas que são voltadas para a educação bilíngüe. Assim é o caso do contexto da presente pesquisa, que foi realizada em uma escola bilíngüe (Inglês-Português) de Brasília, com observações desde agosto de 2010, mas com um aprofundamento a partir de fevereiro de 2012, com intenção de compreender qual seria a importância da organização do trabalho pedagógico na formação do professor, em uma escola cujo foco principal é a introdução de uma segunda língua.

Devido ao grande crescimento desse tipo de escola, torna-se fundamental investigar melhor, sobre essa temática, uma vez que são poucas as pesquisas no Brasil que abordam a educação bilíngüe infantil. Torna-se importante investigar acerca da organização do trabalho pedagógico, uma vez que os pais optam por escolas bilíngües. Os mesmos passam a fazer uma exigência à parte que seria além do filho aprender o que aprenderia numa escola tradicional ser também inserido na segunda língua tendo como objetivo ser fluente na mesma, dessa forma é importante destacar se as expectativas dos pais estão sendo alcançadas.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar e investigar a organização do trabalho pedagógico dando importância à formação do professor para o desenvolvimento da criança em um contexto educação de imersão na língua-alvo, sendo assim, na educação bilíngüe.

Para aprofundar nessa temática serão explorados então os seguintes objetivos específicos, a serem analisados a partir do questionário que foi aplicado com as professoras da escola pesquisada:

- Analisar a formação dos professores;



- Verificar o uso de estratégias por parte das professoras para facilitar o ensino-aprendizagem;
- Investigar as habilidades que as crianças observadas possuem na segunda língua;
- Constatar as dificuldades apresentadas pelos alunos;
- Discutir a escolha do material didático;

Para que se tornasse possível, investigou-se uma turma de crianças inseridas em uma escola bilíngüe em Brasília (DF), observando as aulas ministradas em inglês e português, analisando a fluência das crianças na segunda língua.

A escolha da escola observada se deu pelo fato da pesquisadora além de trabalhar desde 2010 na escola, apresenta ter grande interesse pela educação bilíngüe e seus desencadeamentos. Em razão a pesquisadora já acompanhar as crianças dessa turma diariamente desde o início do ano e também de conhecer a escola e a sua metodologia há quase três anos, o desenvolvimento da pesquisa foi facilitado.

O presente trabalho divide-se em três partes:

Na primeira parte é apresentado o memorial educativo que aborda em grande parte a trajetória educacional da autora, descrevendo a vida acadêmica e um pouco da pessoal que não deixaram de influenciar esse trabalho.

A segunda parte é correspondente à monografia em si que está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo é abordado o referencial teórico que fundamentou as discussões da pesquisa, foi dividida em cinco momentos: o primeiro traz informações sobre a formação do professor, tendo em vista a importância da formação inicial e continuada; o segundo traz um panorama sobre o conceito de interdisciplinaridade; no terceiro momento retratou-se o tema da aquisição da segunda língua, o bilingüismo em si; e também foi feito um panorama sobre a contextualização histórica da escola; o quarto e último momento vai abordar a organização do trabalho pedagógico, dando enfoque à didática, ao currículo e à avaliação.

No segundo capítulo é apresentada a metodologia que foi utilizada para a realização da pesquisa. O terceiro capítulo enfoca os resultados e a discussão dos dados que foram coletados, tendo com base o referencial teórico. E no último capítulo, serão feitas as considerações finais, levantando pontos conclusivos em que a pesquisa chegou.

A terceira parte do trabalho é então formada a partir das perspectivas profissionais da autora, trazendo consigo uma reflexão sobre os desdobramentos para

novas pesquisas e o que poderia metodologicamente mudar se a pesquisa fosse feita novamente.

## CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Contextualização da trajetória dos professores no Brasil:

É fundamental mencionar um pouco da trajetória dos professores no Brasil para que se possa compreender melhor sobre a formação dos mesmos, dessa maneira ressaltamos alguns aspectos históricos da formação do professor.

Segundo Savani (2009, p. 143), a formação de professores exigiu uma resposta institucional de fato no século XIX, após a revolução francesa, onde fora colocado o problema da instrução popular, é a partir daí que começa o processo de formação de professores em Escolas Normais. Ainda de acordo com o autor, a primeira instituição que levava o nome de Escola Normal foi proposta então pela convenção, em 1794, e instalada em Paris em 1795, introduzindo então a distinção entre a Escola Normal Superior para formar os professores que atuariam no nível secundário e os da Escola Normal Primária, que preparava os professores para o ensino primário. Mas, no Brasil, o preparo de professores emergiu explicitamente depois da independência, quando foi cogitada a organização da instrução popular.

Savani (2009 p.143) mostra então que houve alguns períodos na história dos professores no Brasil, destacamos:

1. Ensaios intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006). (SAVIANE, 2009, p.143).

No primeiro momento, no período colonial, desde os colégios jesuítas, até os cursos superiores criados pela vinda de D. João VI em 1808, não se manifestava uma preocupação acerca da formação de professores, é então na Lei das Escolas de Primeiras Letras promulgada em 15 de outubro de 1827, que essa preocupação passa a vir à tona

pela primeira vez. No artigo 4º dessa Lei, deixa claro que os professores deverão ser treinados no método mútuo de ensino, colocando então essa exigência de preparo didático.

Depois da promulgação do Ato Adicional de 1834, que deixou a cargo das províncias a responsabilidade sobre a instrução primária, adotaram para a formação dos professores o método que vinha sendo seguido pelos países europeus, ou seja, a criação das Escolas Normais. A primeira Escola Normal no país foi no Rio de Janeiro, em Niterói, fundada em 1835. Em seguida, outras foram criadas em várias províncias durante o século XIX. As Escolas Normais, por focarem na preparação de professores para as escolas primárias acabavam preconizando uma formação específica. Acaba que a Escola Normal transformou-se em Escola de Professores, incluindo em seu currículo disciplinas como: Sociologia Educacional, História da Educação, Psicologia Educacional, Biologia Educacional, Introdução ao Ensino, Materiais de Cálculos, Leitura e Linguagem, Literatura Infantil, Ciências Naturais e outras.

Na questão do Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), houve uma reforma que foi marcada por dois conteúdos: O enriquecimento dos conteúdos escolares anteriores a ênfase nos exercícios práticos de ensino, a qual, a grande característica foi a criação da Escola-Modelo anexa então à Escola Normal.

A Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), a partir do advento dos institutos de educação, começou uma nova fase marcada com espaços de cultivo da educação, que servia tanto de objeto de ensino como de pesquisa. A partir daí, uma das iniciativas foi a criação do Instituto de Educação do Distrito Federal, implantado por Anísio Teixeira em 1932. E, ao mesmo tempo, dirigido por Lourenço Filho, o Instituto de Educação de São Paulo, implanto por Fernando de Azevedo em 1933. Ambos tiveram como inspiração o movimento da Escola Nova. Anísio Teixeira acabou transformando a Escola Normal em Escola de Professores. Segundo Savani (2009, p.146), os Institutos de Educação foram pensados e organizados de forma que incorporassem as exigências da pedagogia, que tentava se firmar como um conhecimento de caráter científico.

A organização e a implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e a consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971), foram elevados ao nível universitário em Institutos de São Paulo e também do Distrito Federal. Esses se tornaram base dos estudos superiores de educação, tendo em vista que foi a partir dessa

base que conseguiram organizar os cursos de formação de professores para as escolas secundárias. A partir do decreto-lei de n. 1.190 de 4 de abril de 1939 generalizou por todo o país, dando origem ao “esquema 3+1” que fora adotado na organização dos cursos de pedagogia e também de licenciatura, o qual em pedagogia formavam os professores para exercer docência nas Escolas Normais e em Licenciaturas formavam professores para ministrar várias disciplinas que compunham os currículos das escolas secundárias. Ambos exigiam três anos para o estudo de disciplinas consideradas específicas e mais um ano para que houvesse a formação didática.

A substituição da Escola Normal pela habilitação específica de Magistério (1971-1996), ocorreu com o golpe militar de 1964, e passou a exigir adequações no campo da educação, diante de algumas mudanças na legislação do ensino. A lei 5.692 /71 (BRASIL, 1971), modificou os ensinos, primário e médio, mudando a sua nomenclatura para primeiro e segundo grau respectivamente, as Escolas Normais desapareceram com essa estrutura, tomando o seu lugar a habilitação específica de 2º grau para o exercício do magistério de 1º grau (HEM). A habilitação no magistério teve então duas modalidades, uma de três anos que habilitava o professor à lecionar até a 4ª série, e outra que durava cerca de 4 anos, que habilitava ao magistério podendo lecionar até a 6ª série do 1º grau. O curso normal deu lugar então a habilitação de 2º grau e em 1982 foi lançado um projeto chamado Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, o CEFAM, que teve como objetivo a revitalização da Escola Normal. (CAVALCANTE, 1994, p. 59,79 e 123 apud SAVANI 2009, p. 147).

Ainda conforme Savani (2009 p.148), sobre a formação de professor:

Para as quatro últimas séries do ensino de 1º grau e para o ensino de 2º grau, a lei n. 5.692/71 previu a formação de professores em nível superior, em cursos de licenciatura curta (3 anos de duração) ou plena (4 anos de duração). Ao curso de Pedagogia, além da formação de professores para habilitação específica de Magistério (HEM), conferiu-se a atribuição de formar os especialistas em Educação, aí compreendidos os diretores de escola, orientadores educacionais, supervisores escolares e inspetores de ensino. Paralelamente a esse ordenamento legal, desencadeou-se, a partir de 1980, um amplo movimento pela reformulação dos cursos de Pedagogia e licenciatura que adotou o princípio da “docência como a base da identidade profissional de todos os profissionais da educação” (Silva, 2003, p. 68 e 79). À luz desse princípio, a maioria das instituições tendeu a situar como atribuição dos cursos de Pedagogia a formação de professores para a educação infantil e para as séries iniciais do ensino de 1º grau (ensino fundamental).

E o último marco desses períodos é o advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006).

Percebe-se que a preocupação com a formação dos professores já vem ocorrendo desde a criação da Lei das Escolas de Primeiras Letras promulgada em 15 de outubro de 1827, passando por grandes mudanças como a organização e implementação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura, substituíram a Escola Normal pela Habilitação em Magistério. Tomando como referência o que diz Saviani (2009), o problema sobre a formação de professores não foi algo solucionado como esperado, podendo entender que esses problemas estão presentes até hoje.

## **1.2 Formação de Professores**

Educadores vem se preocupando cada vez mais com a qualidade do ensino e assim acabam fazendo pesquisas a respeito do tema, não foi diferente com a pesquisadora da presente pesquisa, preocupada não apenas com a qualidade de ensino no Brasil, mas principalmente na escola observada, local atual de trabalho.

Para Câmara (1999, p. 39), devido às exigências que foram impostas pela economia mundial, o interesse pela educação aumentou, tornando-se um tema de debate e devido aos novos padrões de exploração da classe trabalhadora surgem demandas de novas habilidades que só podem ser desenvolvidas em um sistema educacional melhor qualificado. Freitas (1992, apud CÂMARA, 1999, p.41), reafirma que os problemas relativos à formação do professor situam-se no âmbito dos interesses de ordem econômica e estrutural do País e de suas conexões internacionais. O maior ou menor interesse nessa área é decorrente dessas conexões e, por esse motivo, toma a direção que estas exigem, sendo ora menos intenso, ora mais intenso.

Câmara (1996, apud GARCIA 1999 p. 42) ressalta que para o neoliberalismo o problema da educação não está equacionado na falta de escolas para todas as crianças, e sim no despreparo da maioria das professoras e professores. Dessa forma Câmara chega a conclusão que devido a esse problema da falta de preparo dos professores acabam levando os alunos à repetir de ano e superlotando as escolas e assim desestimulando os mesmo a continuarem estudando o que os leva à evasão, uma vez que os professores já nem se quer conseguem atrair a atenção desses alunos.

Câmara (1999, p. 42) ao analisar Garcia (1996), diz que:

O neoliberalismo aplicado à educação desconsidera os aviltantes salários dos professores, as péssimas condições em que trabalham a falta de oportunidades e estímulo de aperfeiçoamento docente, o autoritarismo do

sistema educacional, a pauperização global da categoria e a perda de reconhecimento social. Em suma, segundo essa visão, os professores são os grandes responsáveis pelo fracasso escolar, desconsiderando que este decorre de uma conjugação de fatores e não pode ser atribuído ao professor que termina sendo reduzido a grande vilão dessa história.

Para Arroyo (1996, apud CÂMARA, 1999, p. 42), essa seria uma lógica considerada linear, uma vez que coloca a formação do professor como uma pré-condição para a renovação e elevação da qualidade de ensino. Arroyo não considera que essa visão corresponda a relação entre sociedade, educação e formação de professores. Sendo assim, a atribuição de causa da falta de qualidade na educação à formação de professores impede a busca das causas dos problemas considerados crônicos e estruturais na educação brasileira.

Câmara (1999 p. 43), citando Arroyo (1996), diz que:

A escola deveria deixar de ser espaço de preparação para o mercado de trabalho, e para concursos vestibulares, para constituir-se em espaço de construção do saber sociocultural, que poderia garantir a construção da identidade do sujeito social. O que Arroyo (1996) propõe é uma nova concepção de educação básica, um novo projeto sociocultural de educação, o qual exige um projeto cultural comum para a formação de professores que dê conta dessa concepção alargada de educação. Esse novo processo de formação deve levar o professor a conscientizar-se de quem ele é e a serviço de que projeto educação trabalha.

É com esse pensamento que Câmara (1999 p. 43) afirma que os cursos de licenciatura deveriam discutir a formação dos professores, tendo um esforço no sentido de promover a formação de um profissional situado, contextualizado e também consciente da sua identidade profissional.

Pereira (1996, apud CÂMARA 1999 p. 44), concretiza que acerca dos cursos de Licenciatura, parece haver um consenso entre os educadores que discutem sobre o tema: Tem o sentimento que esses cursos não mudam, sendo assim os mesmos problemas que hoje são discutidos, são os mesmos ou praticamente os mesmos desde a sua criação e mantêm sem solução. Pereira (1996, apud CÂMARA, 1999, p. 45), destaca alguns problemas:

Os que excedem aos cursos de formação: o aviltamento salarial dos professores; as péssimas condições de trabalho que vão desde a falta de equipamentos e laboratórios, espaço físico adequado, até a falta de investimento em sua capacitação; a qualidade discutível do livro didático; o risco de perda da identidade profissional; Os que são inerentes aos cursos de formação: a separação entre disciplinas de conteúdo e as disciplinas pedagógicas; a dicotomia existente entre bacharelado e licenciatura, a desarticulação entre formação acadêmica e realidade prática.

Câmara, chega a conclusão que esses problemas causados nos cursos de licenciaturas acabam gerando outros problemas com por exemplo a baixa procura pelos cursos de licenciatura, resultado do mercado de trabalho, da desmotivação profissional e do status da carreira e, de acordo com Pereira (1996), os alunos que são aprovados em cursos de licenciaturas geralmente apresentam uma trajetória escolar diferenciada em comparação aos alunos de outros cursos, sendo esses normalmente de baixa renda e trabalhadores.

Adentrando nesse assunto podemos encontrar diversos fatores que geram esse grande problema na qualidade da educação do Brasil, um deles é a facilidade de acesso aos cursos de licenciatura, comparados aos outros cursos de nível superior, dessa forma algumas pessoas optam em fazer os cursos de licenciatura apenas pelo fácil acesso e, na maioria das vezes nem se quer gostam do curso. A pesquisadora do presente trabalho através de sua vivência como estudante, percebeu que diversas pessoas da mesma Universidade que estuda, fizeram o mesmo, dessa forma conclui-se que se essas pessoas que nem sequer se identificam com o curso acabam parando dentro de sala de aula, geram então diversos problemas, como por exemplo, não saber lidar com os alunos, a falta de paciência, às vezes nem sabem dar uma aula, não tem o controle da turma, entre outros que fazem com que os estudantes percam o interesse pelo ensino-aprendizagem.

Outro problema notável é a remuneração dos professores, até mesmo aqueles que gostam da profissão acabam ficando desmotivados e até mesmo frustrados por conta de seus baixos salários, sem contar no stress que os mesmos acabam passando por conta de muitos fatores que os cercam. Pode-se considerar que o trabalho escolar é como uma cadeia, tudo funciona em conjunto, se existe uma equipe pedagógica mal formulada e despreparada, consequentemente haverá professores que não são qualificados para assumir o posto.

Não se pode deixar de mencionar, a discriminação que existe entre os professores. Quando os mesmos são questionados sobre a sua profissão e respondem com clareza: “Sou professor (a)”. A grande maioria sempre acaba fazendo uma piada, gerando um certo preconceito, mas que infelizmente é a realidade vivenciada pelos professores, e como exigir o respeito da sociedade em relação a essa profissão se o Governo não valoriza a educação?!

Percebe-se tantos problemas em torno dessa profissão, e que conseguem gerar a desmotivação dos profissionais da área, que é lamentável saber que a qualidade do ensino corre risco por conta deles. A questão de desmotivação não é apenas nas escolas



de rede pública, pode-se encontrar isso na rede particular também, na escola observada, por exemplo, ao admitir pessoas com graduação em Enfermagem como professora regente, acabam desdenhando dos profissionais formados em Pedagogia e consequentemente desmotivam os que um dia pensaram em crescer na empresa e profissionalmente na área, sendo este o objeto deste estudo.

Segundo o PCN (pág. 29-30), o desempenho dos alunos reflete diretamente a formação dos professores. Em 1994 o Censo Educacional fez um levantamento para saber a quantidade de professores que atuam no ensino fundamental, assim como o grau de escolaridade deles.

TABELA 1 – Distribuição absoluta dos professores da Educação Fundamental, Educação Média e Superior, por tipo de formação.

Funções Docentes		Educação Fundamental		Educação Média			Educação Superior		
		Incompleta	Completa	Formação Magistério		Outra	Licenciatura		Outra
				Incompleta	Completa		Incompleta	Completa	
Total	1.377.665	69.272	45.593	23.793	552.122	36.401	81.133	546.452	22.899
Rural	280.820	65.565	34.885	11.927	122.390	9.047	9.670	25.896	1.440
Urbana	1.096.845	3.707	10.708	11.866	429.732	27.354	71.463	520.556	21.459

Fonte: Sinopse Estatística Educação Fundamental – Censo Educacional de 1994, MEC/SEDIAE/SEEC.

O PCN ao analisar essa tabela, mostra que 10% das funções docentes estão sendo desempenhadas por pessoas sem o nível mínimo de formação exigido, na área rural a ausência de formação mínima chega a atingir 40%. De acordo com o PCN:

A exigência legal de formação inicial para atuação no ensino fundamental nem sempre pode ser cumprida, em função das deficiências do sistema educacional. No entanto, a má qualidade do ensino não se deve simplesmente à não-formação que tem sido ministrada. Este levantamento mostra a urgência de se atuar na formação inicial dos professores. Além da formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino. A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa. (BRASIL, 1994)

Nesse sentido, concluímos que a formação inicial é extremamente importante e necessária para atuação em nível fundamental é ainda mais relevante que se invista na formação inicial e continuada de professores da educação infantil (pedagogos), a

formação continuada em serviço pode contribuir para que haja uma educação de qualidade.

Para que se possa atuar em qualquer área, deve-se ter um curso de formação especializado, Para ser tornar um médico é necessário que se estude Medicina e é assim com todas as áreas de formação e não deveria ser diferente com os professores pedagogos, uma vez que existe um curso que forme para tal. Segundo Scheibe (2007, p. 44):

O curso de Pedagogia destina-se, na sua atual formulação legal, á formação de professores para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Complementarmente, também ao desenvolvimento de competência para o ensino nos cursos de nível médio, na modalidade normal; ao ensino na educação profissional na área de serviços e apoio escolar; às atividades de organização e gestão educacionais; e às atividades de produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional.

Em seu artigo, Scheibe (2007) também refere-se à quantidade da carga horária com o mínimo para a efetivação do curso de Pedagogia, dentre essas 3.200 horas de trabalho acadêmico, pelo menos 2.800 horas devem ser preservadas às aulas, atividades práticas, seminários e pesquisas, já as outras 300 horas são destinadas ao estágio supervisionado com preferência na docência de Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental e as 100 horas restantes para atividades em áreas específicas que são de interesse do aluno.

Como a própria Scheibe traz, 300 horas são para o estágio supervisionado que os graduandos de Pedagogia consideram um estágio obrigatório, já uma pessoa graduanda em Letras não haveria obrigatoriedade de fazer esse estágio na área de educação infantil já que é destinada aos Pedagogos, eles poderiam até fazer o estágio na disciplina Inglesa no ensino fundamental que é do 5º quinto ano em diante.

De acordo com a LDB Título VI. Dos profissionais da educação:

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;

II – aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Acerca do Art. 61 da LDB, Câmara (1999) afirma que é um grande avanço a exigência da formação de todos os docentes da Educação Básica em nível superior, em curso de Licenciatura Plena. Frente a isso Brzezinski (1998, apud CÂMARA, 1999, p. 46) ressalta:

O que não pode se admitir é que o caráter de excepcionalidade e de transitoriedade, prescrito no art. 87 sobre a permanência de leigos nos sistemas de ensino e de ingresso de profissionais para atuarem na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, ainda, com formação apenas na modalidade Normal seja perversamente convertido em permanente, reafirmando as tradicionais práticas do mundo do sistema, que não oferece condições para ultrapassar o caráter emergencial e provisório de certas políticas educacionais, que contribuem para a desprofissionalização do magistério, (Brzezinski, 1998, p. 159).

Segundo o artigo 62 da LDB, a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Uma vez que a Lei aponta no art. 62, os programas de educação continuada, deixa subentendido o asseguramento do direito de estudar, podendo garantir a atualização permanente do magistério.

Dessa maneira pode-se observar que, segundo a LDB 9394/96, art. 62, é exigido como um pré-requisito que para um professor atuar na educação básica tenha que ter a formação superior, além de apontar também os espaços onde a formação poderá ocorrer.

Um dos fatores que contam bastante na hora de educar é a experiência que a professora carrega consigo. Quando falamos de experiência não estou levando muito em consideração qual seja a formação da professora, seja em Letras ou em Pedagogia, afinal uma professora formada em Pedagogia que se quer tenha entrado em uma sala de aula, não vai ter experiência alguma com as crianças e até mesmo um preparo para solucionar eventuais problemas, já uma pessoa formada em Letras que tem uma experiência boa, já vai saber lidar melhor com as crianças, mas assim como a LDB traz, deve-se ter uma associação entre teorias e práticas, uma professora formada em outra Licenciatura que não seja Pedagogia, no olhar da pesquisadora, passa a ter um impasse no momento de associação entre teorias e práticas, uma vez que essa não teve os mesmos e todos os fundamentos teóricos que uma pedagoga.

### 1.3 Formação continuada

A preocupação em relação à formação de professor já está evidenciada segundo Porto (1998 p.11), “o que acaba levando a debates a cerca da formação inicial e continuada dos docentes, e para a autora a formação continuada tem uma ocupação em destaque, que vem crescendo e se associando ao processo qualitativo das práticas formativas e também pedagógicas”. Para Porto (1998 p. 12), a formação continuada de professores e a sua prática pedagógica não podem e nem devem ser pensadas de uma maneira dissociada e por se estar sempre à frente de exigências sociais, epistemológicas e tecnológicas é que se deve pensar sobre a formação de professores.

De acordo com Porto (1998 p.13) existem duas concepções acerca da formação:

*Estruturante*: formação tradicional, comportamentalista, tecnicista, define previamente programas/procedimentos/recursos “a partir de uma lógica de racionalidade científica e técnica, aplicados aos diversos grupos de professores” (Nóvoa 1992, p.21). A *Interativo-construtivista*: dialética, reflexiva, crítica, investigativa, organiza-se a partir dos contextos educativos e das necessidades dos sujeitos a quem se destina.

Conforme o que afirma a autora, o conceito de formação de professores tem uma associação à idéia de inconclusão do homem, tendo então a formação como um processo que exige uma necessidade de construir patamares avançados de “saber ser, saber-fazer, fazendo-se”.

Além da importância da formação inicial, é também necessário que se haja uma formação continuada, mas para que isso ocorra, as instituições de ensino devem começar a valorizar os profissionais e incentivá-los a buscarem o processo de formação contínua.

### 1.4 A interdisciplinaridade

Muitos são os estudos que revelam que não há um consenso que se possa explicar exatamente o que é interdisciplinaridade e devido ao uso excessivo da palavra, pode-se trazer à tona a sua banalização. Fazenda (2002, p. 25), conta que a interdisciplinaridade é um neologismo o qual a significação nem sempre é a mesma e também seu papel não é compreendido da mesma forma sempre. Mesmo assim, Hilton Japiassú (1976 *apud* FAZENDA 2002), acredita que embora haja distinções de pensamentos o princípio delas é sempre o mesmo: a interdisciplinaridade caracteriza-se

pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

Segundo Leis (2005), é preferível não se falar da interdisciplinaridade em cima de debates teórico-ideológicos, mas sim estudar a respeito de como esse conceito está sendo trabalhado no campo acadêmico.

Pombo (1993, *apud* PIMENTA, 2005), revela que, falar sobre interdisciplinaridade é uma tarefa quase impossível, uma vez que nos deparamos com um problema inicial, sendo esse o fato de ninguém saber o que significa interdisciplinaridade, nem mesmo as pessoas que a teorizam ou praticam, não existindo então uma estabilidade relacionada a esse conceito. Uma indagação que Lück (1994 p. 32), faz é: “Como podemos trabalhar a interdisciplinaridade nas escolas, se os professores não têm o conhecimento nem do significado nem da importância que esse tema tem?”.

Oliveira (2005) aponta que os professores utilizam de termos semelhantes para designar uma mesma aspiração, exemplos disso são os conceitos como ensino integrado, Educação Ambiental, Trabalho de Projeto, que acaba não aparentando uma distinção clara da educação interdisciplinar.

Guy Michaud (1969 *apud* FAZENDA 2002), propôs uma distinção terminológica em quatro níveis: multi, pluri, inter e transdisciplinar, com o simples objetivo de esclarecer os problemas a cerca da terminologia. Pimenta (2005) indica que essas quatro palavras (pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade) estão disputando o mesmo terreno, ambas com o mesmo radical e com a mesma raiz: a *disciplina*, tendo essa palavra, pelo menos três significados. Como analisa Pimenta (2005):

Disciplina como *ramo do saber*: a Matemática, a Física, a Biologia, a Sociologia ou a Psicologia são disciplinas, ramos do saber ou, melhor, alguns desses grandes ramos. Depois, temos as sub-disciplinas e assim sucessivamente. Disciplina como *componente curricular*: História, Ciências da Natureza, Cristalografia, Química Inorgânica, etc. Claro que, em grande medida, muitas das disciplinas curriculares se recortam sobre as científicas, acompanham a sua emergência, o seu desenvolvimento, embora, como sabemos, sempre com desfasamentos temporais e inexoráveis efeitos de desvio. Finalmente, disciplina como *conjunto de normas* ou leis que regulam uma determinada actividade ou o comportamento de um determinado grupo: a disciplina militar, a disciplina automobilística ou a disciplina escolar, etc. (PIMENTA, 2005, p. 4).

Em relação aos conceitos de pluridisciplinaridade e multidisciplinaridade há quase um consenso, segundo citado por Sommerman (2008 p. 28-29).

O multidisciplinar evoca basicamente em um aspecto quantitativo, numérico, sem que haja um nexo necessário entre as abordagens, assim como entre os diferentes profissionais. (Coimbra, 2000, p.57) A multidisciplinaridade é a organização de conteúdos mais tradicional. Os conteúdos escolares apresentam-se por materiais independentes umas das outras. As cadeiras ou disciplinas são propostas simultaneamente sem que se manifestem explicitamente em relações que possam existir entre elas. (Zabala, 2002, p.32-33) A pluridisciplinaridade é a existência de relações complementares entre disciplinas mais ou menos afins. É o caso das contribuições mútuas das diferentes histórias (da ciência, da arte, da literatura, etc.) ou das relações entre diferentes disciplinas das ciências experimentais. (Zabala, 2002, p.33) A pluridisciplinaridade é a justaposição de disciplinas mais ou menos próximas, dentro de um mesmo setor de conhecimentos. Por exemplo: física e química; biologia e matemática; sociologia e história... É uma forma de cooperação que visa melhor as relações entre essas disciplinas. Vem a ser uma relação de mera troca de informações, uma simples acumulação de conhecimentos [...] É uma comunicação que não as modifica internamente. Neste nível ainda não existe uma profunda interação e coordenação (Documento-base do Simpósio sobre Educação organizado pela UNESCO em Bucareste, em 1983, citado por Santomé, 1998, p.71-72)

Quando se trata da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, encontra-se uma diferença ainda maior em relação à definição desses conceitos, como aponta Sommerman (2008 p.29-30):

A interdisciplinaridade é a interação de duas ou mais disciplinas. Essas interações podem implicar transferência de leis de uma disciplina a outra, originando, em alguns casos, um novo corpo disciplinar, como por exemplo, a bioquímica ou a psicolinguística. (ZABALA, 2002, p.33). A interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação podendo ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. (JAPIASSU, 1991, p.136) O interdisciplinar consiste num tema, objeto ou abordagem em que duas ou mais disciplinas intencionalmente estabelecem nexos e vínculos entre si para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado. Verifica-se nesses casos a busca de um entendimento direto dos interlocutores. (COIMBRA, 2000, p.58). Estudos interdisciplinares autênticos supõem uma pesquisa comum e a vontade, em cada participante, de escapar ao regime de confinamento que lhe é imposto pela divisão do trabalho intelectual. Cada especialista não procuraria somente instruir os outros, mas também receber instrução. Em vez de um série de monólogos justapostos, como acontece geralmente, ter-se-ia um verdadeiro diálogo, um debate por meio do qual, assim se espera, se consolidaria o sentido da unidade humana [...] A determinação de uma língua comum é a condição do surgimento de um saber novo. (GUNSDORF, citado por MACHADO, 2000, p.195)

Leff (2000, p. 33 citado por SOMMERMAN 2008, p. 31), diz que:

a transdisciplinaridade é o questionamento do logocentrismo e da configuração paradigmática do conhecimento, o qual erradicou da ciência normal todo saber não científico como externo e estranho, como patológico, como ‘não-conhecimento’; é a transgressão da disciplinaridade, do saber codificado para apreender, ‘coisificar’, objetivar o real.

Sommerman (2008, p. 63-64), aponta que existem três tipos diferentes de graus de interdisciplinaridade, que seriam: A interdisciplinaridade de tipo pluridisciplinar, a interdisciplinaridade forte e a interdisciplinaridade de tipo transdisciplinar, explicadas da seguinte forma:

A interdisciplinaridade de tipo pluridisciplinar (também pode ser considerada como fraca), aparecerá quando o predomínio nas equipes multidisciplinares for a transferência de métodos de uma disciplina para a outra ou “uma série de monólogos justapostos” (GUNSDORF, citado por MACHADO, 2000, p.195). A interdisciplinaridade forte aparecerá quando o predomínio não for a transferência de métodos, mas sim de conceitos, e quando cada especialista não procurar apenas “instruir os outros, mas também receber instrução” e “em vez de uma série de monólogos justapostos” [...] houver um “verdadeiro diálogo”, o que requer o favorecimento das trocas intersubjetivas dos diferentes especialistas, onde cada um reconheça em si mesmo e nos outros não só os saberes teóricos, mas os saberes práticos e os saberes existenciais. A interdisciplinaridade de tipo transdisciplinar aparecerá quando também estiverem presentes nas equipes multidisciplinares “uma modelização epistemológica nova para a compreensão de fenômenos” (LÊ MOIGNE, 2002, p.29).

Heckhausen apud Fazenda (2002, p. 30), propôs ao invés de apenas três relações de interdisciplinaridade como apontou Sommerman (2008), cinco tipos, que seriam:

- Interdisciplinaridade Heterogenia – Este tipo é dedicado à combinação de programas diferentemente dosados, onde é necessário adquirir-se uma visão geral não aprofundada, mas superficial, dedicado a pessoas que irão tomar decisões bastante heterogêneas, e que precisarão de muito bom senso. Ex: professores primários ou assistentes sociais.
- Pseudo-Interdisciplinaridade – Para realizar a interdisciplinaridade, partem do princípio que uma interdisciplinaridade intrínseca poderia estabelecer-se entre as disciplinas que recorrem aos mesmos instrumentos de análise; Ex.: uso comum de matemática.
- Interdisciplinaridade Auxiliar – Utilização de métodos de outras disciplinas. Admite um nível de integração ao menos teórico. Ex.: Pedagogia ao recorrer aos testes psicológicos, não somente para fundar suas decisões em matéria de ensino, como também, colocar à prova as teorias de Educação, ou, avaliar o interesse de um programa de estudos.
- Interdisciplinaridade Complementar – Certas disciplinas aparecem sob os mesmos domínios materiais, juntam-se parcialmente, criando assim relações complementares entre seus respectivos domínios de estudo. Ex.: Psicobiologia, Psicofisiologia.
- Interdisciplinaridade Unificadora – Esse tipo de interdisciplinaridade, advém de uma coerência muito estreita, dos domínios de estudo de duas disciplinas. Resulta na integração tanto teórica quanto metodológica. Ex.: Biologia + Física = biofísica.

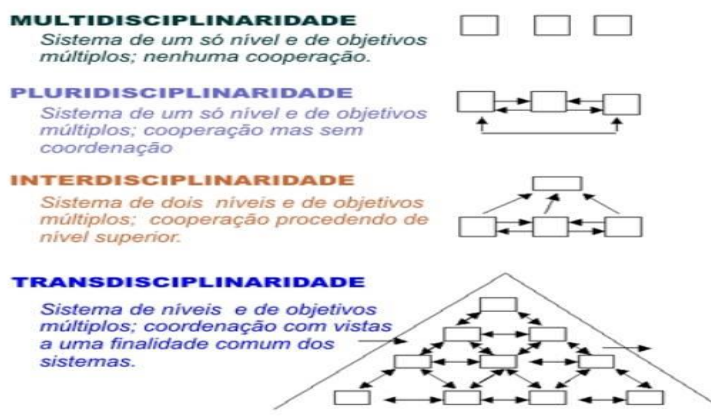
É importante voltar ao início desse estudo quando defende que o professor da educação infantil seja um pedagogo, pois a licenciatura em pedagogia o habilita para lidar com essa temática já que é nesse curso que este conhecimento é trabalhado.

Fazenda (2002, p. 27), diz que em fevereiro de 1970, certo grupo de especialistas como C.C. Abt, dos Estados Unidos, e E. Jantsch (perito da OCDE – Áustria), procuram estabelecer o papel da interdisciplinaridade tomando como ponto de partida o conselho de Gur Michaud (1969), e assim concluíram que:

- **Disciplina** – conjunto específico de conhecimentos com as suas próprias características sobre o plano do ensino, da formação dos mecanismos, dos métodos, das matérias.
- **Multidisciplina** - Justaposição de disciplinas diversas, desprovidas de relação aparente entre elas. Ex: música + matemática + história.
- **Pluridisciplina** – Justaposição de disciplinas mais ou menos vizinhas nos domínios do conhecimento. Ex: domínio científico: matemática + física.
- **Interdisciplina** – Interação existente entre duas ou mais disciplinas. Essa interação pode ir da simples comunicação de idéias à integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa. Um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam sua formação em diferentes domínios do conhecimento (disciplinas) com seus métodos, conceitos, dados e termos próprios.
- **Transdisciplina** – Resultado de uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas (ex. Antropologia considerada como “a ciência do homem e de suas obras”, segundo a definição de Linton).

Figura I: Modelo de transdisciplinaridade segundo Jantsch:

### Transdisciplinaridade - Modelo de Jantsch



Fonte: <<http://www.sociologia.org.br/>>



Observando algumas leituras especializadas a respeito da interdisciplinaridade percebe-se que não se encontra uma definição exata que contenha sempre o mesmo sentido sobre o conceito de interdisciplinaridade, nota-se que os autores participam de um debate interminável sobre um tema considerado polissêmico.

Segundo Leis (2005):

Qualquer demanda por uma definição unívoca e definitiva do conceito de interdisciplinaridade deve ser rejeitada, por tratar-se de proposta que inevitavelmente está sendo feita a partir de alguma das culturas disciplinares existentes. Em outras palavras, a tarefa de procurar definições “finais” para a interdisciplinaridade não seria algo propriamente interdisciplinar, senão disciplinar. Na medida em que não existe uma definição única possível para este conceito, senão muitas, tantas quantas sejam as experiências interdisciplinares em curso no campo do conhecimento, entendemos que se deva evitar procurar definições abstratas da interdisciplinaridade. (LEIS, 2005, p.5).

Jean Luc Marion (1978) e Vaideanu (1987) *apud* (POMBO 1993 citado por OLIVEIRA 2005), definem a interdisciplinaridade como a *cooperação de várias disciplinas no exame de um mesmo objeto*. Já para Piaget (1972, citado por POMBO, 1993), a interdisciplinaridade aparece como *intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas, tendo como resultado um enriquecimento recíproco*. Palmade (1979, citado por Pombo, 1993) conceitua a interdisciplinaridade com *a integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas, com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber*.

Dentre todos os conceitos formados por especialistas nota-se uma grande divergência quando se fala sobre interdisciplinaridade, dessa forma fica difícil falar que o pensamento de um professor ou de outro está errado quando se refere a esse tema polissêmico.

## **1.5 Aquisição da segunda língua**

### **1.5.1 Bilingüismo**

Quando se fala de Bilingüismo ou Educação Bilíngüe, muitos não fazem a menor idéia do que venha a ser e por vezes ainda se encontra aqueles que acreditam que a Educação Bilíngüe é baseada apenas em tradução, onde a professora fala alguma coisa

em Português e logo em seguida fala a mesma palavra ou frase, mas no Inglês. Dessa forma busca-se concretizar o conceito de bilingüismo e o processo de aquisição da segunda língua, embora com a realização de pesquisas encontram-se resultados bem diferentes e até mesmo contraditórios sobre o conceito de bilingüismo.

Hoje em dia pode-se perceber que o número de escolas bilíngües tem aumentado bastante no Brasil, só aqui em Brasília encontra-se cerca de cinco escolas que adotam a metodologia bilíngüe Inglês-Português.

Segundo Marcelino (2009), o crescimento do Bilingüismo no Brasil remete ao desenvolvimento na educação e também a uma demanda mercadológica pressionada pelos pais de alunos de escolas regulares. Segundo Flory e Souza (2009, p. 25), antigamente no Brasil, as escolas bilíngües eram procuradas especialmente por imigrantes que tinham como intenção que seus filhos crescessem mantendo contato com a sua cultura de origem, ou então eram procuradas pelos imigrantes em trânsito, ou seja, eram aquelas famílias que vinham passar apenas um período no Brasil, esse público alvo ia atrás de escolas internacionais, com currículos britânicos ou americanos. Hoje em dia a busca de famílias brasileiras por uma escola que adota em seu currículo o Inglês, está cada vez maior, com objetivo que seus filhos cresçam bilíngües, mesmo que eles não falem o segundo idioma em casa.

Conforme Marcelino (2009 p. 01), os pais antigamente escolhiam as escolas por conta da sua proposta de ensino, pela sua tradição, entre outros fatores e a importância e necessidade que se tinha em aprender um segundo idioma era suprido através dos institutos de idiomas, que objetivavam fazer a complementação da educação e ainda tinha o direito à certificados internacionais ao final do curso, dessa forma São Paulo passou a terceirizar o ensino de idiomas, e isso para o autor foi uma tentativa de escolas regulares melhorarem o ensino do idioma, mas acabaram sendo consideradas ineficientes pela falta de fluência dos próprios professores. Havia muitos alunos dentro de sala de aula, as aulas eram consideradas insuficientes e outros motivos. Marcelino (2009 p. 2) afirma que é dessa maneira que se passa a surgir as escolas bilíngües. São escolas com o objetivo de fazer a integração do papel dos institutos de idiomas e das escolas regulares. Para o autor, as escolas bilíngües vem sendo bem aceitas pelos pais, uma vez que se espera uma educação de qualidade e o ensino de idioma simultaneamente.

É relevante parar para pensar se essas escolas estão conseguindo alcançar ou superar as expectativas dos pais e suprir as necessidades do desenvolvimento intelectual

das crianças, como indaga o próprio Marcelino acerca da fluência dos professores na língua além da formação deles, devido a esse questionamento a pesquisadora elaborou e aplicou questionário em algumas professoras regentes da escola pesquisada tendo como objetivo coletar infamações que serão discutidas em outro espaço desse estudo.

Butler e Hakuta (2004, apud FLORY e SOUZA 2009, p. 28), explicam que, não há, entretanto um consenso entre os pesquisadores acerca de uma definição sobre o Bilingüismo. Segundo Flory e Souza (2009, p. 28), o Bilingüismo pode representar uma infinidade de quadros diferentes, como por exemplo, remeter-se à esfera social, política, individual, econômica, à aceitação e valorização de cada uma das línguas faladas e das culturas com as quais essas se relacionam, à experiência e até mesmo a exposição com a língua.

Blommfield (1933) faz uma definição bem restrita sobre o tema, afirmando que bilíngüe seria a pessoa que tem o controle de duas línguas semelhante ao de um nativo. Embora essa definição traga problema para se definir como julgar a proficiência de uma pessoa como “semelhante de um nativo”, e se considerar essa definição como a correta, por exemplo, pode-se afirmar que dentre todos os alunos apenas o aluno Marcelo de cinco anos de idade já pode ser considerado uma pessoa bilíngüe, uma vez que o mesmo já consegue controlar as duas línguas (inglês e português), como se fosse um nativo, embora seja uma criança brasileira Marcelo já se comunica melhor na língua inglesa do que a sua própria língua materna que seria o Português (quando Marcelo fala em Português pode-se perceber que ele apresenta dificuldades na concordância de gênero), desde que Marcelo nasceu, teve o contato em casa com a língua Inglesa, o pai se comunicava com o menino através do Inglês e por isso ele consegue se destacar das outras crianças dentro da mesma sala, pois além do contato que Marcelo tem com o Inglês na escola com as professoras, também tem uma referência em casa, dessa forma seguindo esse conceito as outras crianças não poderiam ser consideradas bilíngües, já que ainda não conseguem controlar as duas línguas da mesma maneira que os nativos.

Baker e Prys Jones (1998, apud FLORY e SOUZA, 2009, p. 29) apontam outro problema acerca dessa definição de Blommfield, pois “como poderíamos classificar uma pessoa que entende o que é dito, mas não sabe falar uma segunda língua? Ou então uma pessoa que saber falar e entender, mas não sabe escrever a segunda língua?”. Essas pessoas podem até ser consideradas bilíngües dependendo do critério que adotarmos para exemplificar o bilingüismo.

O primeiro questionamento que Baker e Prys levantam é extremamente pertinente, exemplo disso são a maioria dos alunos que conseguem compreender o que é falado na segunda língua, mas não conseguem se desenvolver tanto na fala, alguns deles ao formularem uma frase, ainda misturam o Inglês com a sua língua materna (Português), acredita-se que essas crianças estão se tornando bilíngües, pois ainda estão se alfabetizando.

De acordo com Silva (2011 p.9):

os primeiros estudos a respeito da aquisição da linguagem, foram baseados em Skinner, uma visão teórica behaviorista, que dizia que a aprendizagem de alguma língua dava-se de acordo com a exposição ao meio e em decorrência da imitação e do reforço, a teoria Behaviorista acreditava que o ser humano aprendia por condicionamento como qualquer outro animal,

Acredita-se que a teoria behaviorista é relevante ao dizer que a aprendizagem de alguma língua se dá devido ao contanto com o meio e pela imitação, o individuo quando está no processo de ensino-aprendizagem de uma nova língua sempre acaba imitando o que o professor diz, por exemplo:

A criança pergunta em Português ao professor:

- Posso beber água?

E o professor faz a mesma pergunta em Inglês:

- Can I drink water?

E a criança simplesmente repete a fala do professor:

- Can I drink water?

Concordo e sigo a teoria behaviorista que afirma que o que o indivíduo aprende uma nova língua por meio de imitação.

### **1.5.2 O Bilingüismo e o seu processo de ensino-aprendizagem:**

Tanto no ensino da língua materna quanto da língua estrangeira, acaba ficando a par do professor, utilizar-se de diferentes metodologias, como por exemplo, fazer a inserção de atividades lúdicas, com objetivo de ter uma melhoria no processo ensino-aprendizagem, tendo a consciência de que cada aluno tem as suas particularidades e o seu tempo para aprender, dessa forma é fundamental para que haja um bom processo de aprendizagem, que as professoras façam as adequações necessárias para cada criança.

Por vezes aprender e ter o domínio da própria língua materna, já é tão difícil, imagine então aprender uma segunda língua quando ainda se é apenas uma criança e para facilitarmos o processo de ensino-aprendizagem, podemos usar artifícios como

atividades lúdicas, pois as crianças aprendem muito mais fácil e rápido quando ensinamos através de jogos e brincadeiras, pois as mesmas aprendem e se concentram muito mais quando se faz alguma brincadeira.

O problema é que muitos educadores não acreditam no aprendizado com a utilização de métodos como o lúdico e acabam usando apenas o quadro negro e a metodologia da escola tradicional.

### 1.5.3 A melhor idade para a aquisição da segunda língua

Segundo, Butler e Kakuta (2004, *apud* FLORY e SOUZA, 2009, p. 30):

É possível classificar indivíduos bilíngües em precoces (Early bilingual) (aquisição de segunda língua na infância) ou tardios (Late bilingual) (aquisição de segunda língua na adolescência ou na idade adulta). Dentro do grupo de bilíngües precoces, é importante a diferenciação entre o Bilingüismo Simultâneo (quando as duas línguas são adquiridas ao mesmo tempo) e o Seqüencial (quando a aquisição da segunda língua se inicia quando a aquisição da primeira língua já está completa).

O estudo refere-se ao “Early bilingual”, que seria a aquisição da segunda língua na infância e também do Bilingüismo Simultâneo, já que a aquisição da língua Inglesa e o Português estão sendo ensinados às crianças ao mesmo tempo. Butler e Hakute (2004, *apud* FLORY e SOUZA, 2009) afirmam que essa definição, levanta uma questão sobre a existência de um suposto período crítico, ou seja, uma idade limite para que haja a aquisição da segunda língua (os autores ainda não chegaram a uma resposta definitiva acerca da questão da idade na aquisição de uma segunda língua em relação a esse período crítico).

A questão da melhor idade para a aquisição da segunda língua mesmo não tendo sido definida pelos autores em questão, através do estudo de caso, fica claro que é na infância que podemos obter os melhores resultados, aqui se pode relatar também a questão do sotaque, uma criança que aprende uma segunda língua antes dos dois anos em casa como é o caso do exemplo dado, do aluno Marcelo, já consegue ter um sotaque como o de um Americano, o que não é o caso das professoras da escola em si, pois as mesmas aprenderam em média o Inglês na adolescência, dessa forma nota-se o sotaque Brasileiro, no entanto a professora de música por ter aprendido o Inglês já quando adulta, apresenta dificuldade na pronúncia da segunda língua (o Inglês), não que a professora fale errado a língua, e sim faz a pronúncia de algumas palavras de uma forma

diferenciada (Ex: a palavra teacher, por mais que ela nos ouça falar a palavra teacher, ela continua apresentando dificuldade na pronuncia, saindo o som como “titeacher”).

Partindo da questão “idade de aquisição” Hull e Vaid (2006, *apud* FLORY e SOUZA, 2009 p. 31), acreditam que:

Bilíngües precoces apresentaram um envolvimento hemisférico bilateral ao usar uma língua, enquanto monolíngües e bilíngües tardios teriam a dominância de um dos hemisférios. Tal lateralização funcional mostrou-se primordialmente influenciada pela idade em que o Bilingüismo teve início (aquisição da segunda língua antes dos 6 anos de idade).

Sobre a língua materna (Português), Flory e Souza (2009, p. 32), afirmam existir um critério de manutenção da língua materna ao se adquirir uma segunda língua, partindo desse critério Lambert (1962) faz uma diferenciação entre o Bilingüismo Aditivo e o Bilingüismo Subtrativo:

Bilingüismo Aditivo, aquele no qual a segunda língua é adquirida sem perda de proficiência na primeira, e o Bilingüismo Subtrativo, aquele no qual a segunda língua é adquirida às custas da primeira, ou seja, ao adquirir uma segunda língua, perde-se a proficiência na primeira.

O caso do aluno Marcelo é o Bilingüismo Subtrativo uma vez que o menino perdeu a proficiência na língua portuguesa quando passou a ter uma boa fluência na segunda língua (inglesa), já as demais crianças são caracterizadas pelo Bilingüismo Aditivo, pois ao aprenderem a segunda língua não apresentaram perda de proficiência na língua materna.

Flory e Souza (2009 p. 37) fazem uma caracterização do indivíduo bilíngüe:

Um mesmo indivíduo pode ser classificado em diferentes definições de Bilingüismo, dependendo da perspectiva adotada. Por exemplo, uma criança cujo pai é Inglês, a mãe brasileira, fale com o pai em Inglês e com a mãe em Português, tenha boa proficiência nas duas línguas e viva num ambiente em que as duas culturas coexistem e são valorizadas. Ela pode ser classificada como bilíngüe precoce, simultâneo, aditivo. Por outro lado, uma criança brasileira que emigre com a família para os EUA aos 5 anos de idade, ingresse numa escola monolíngüe em Inglês e venha a perder a proficiência no Português (o que pode acontecer, mas não é necessário que aconteça), pode ser classificada como precoce, sequencial, subtrativo.

Como é o caso do aluno Marcelo, ele tem os dois pais brasileiros, mas seu pai introduziu o Inglês dentro de casa desde o seu nascimento, no primeiro ano de escola do Marcelo, cujo estudante tinha aproximadamente dois anos de idade a professora já notou que Marcelo tinha o domínio da língua bem mais avançado do que as outras

crianças da mesma classe e isso permanece até os dias de hoje, por outro lado mesmo a escola sendo Bilíngüe com enfoque maior no Inglês a partir do Intermediate, que é referente a esse ano que Marcelo está cursando, ele passa a ter 25% de contanto com a sua língua materna que seria o Português, mas devido ao seu contanto quase que vinte e quatro horas por dia com o Inglês (inclusive desenhos todos em Inglês), Marcelo acabou perdendo um pouco da sua pronuncia no Português, embora sua mãe ainda converse com ele na sua língua materna, mas isso não quer dizer que essa criança não tenha o domínio das duas línguas em questão, ele apenas apresenta algumas dificuldades na fala como por exemplo concordância de gênero, dessa forma Marcelo pode ser considerado uma criança bilíngüe precoce, simultânea e subtrativo, já que além de tudo isso, ele ainda vive num ambiente que valoriza as duas culturas existentes, pois o colégio que a pesquisa foi feita, valoriza tanto a cultura Brasileira quando a cultura Canadense e ele é considerado subtrativo por ter perdido um pouco da proficiência na língua materna.

No segundo exemplo, pode-se imaginar outro aluno, o Marcos de seis anos que por volta de outubro vai morar no Canadá com os seus pais, assim vai passar a estudar numa escola monolíngüe, e pode vir a perder ou não a sua proficiência no Português (sua língua materna), de qualquer forma seus pais podem ajudar na continuidade do desenvolvimento da proficiência na sua língua materna, sendo considerada então uma criança bilíngüe precoce, seqüencial, aditivo, caso não perca a proficiência na língua materna, perdendo torna-se subtrativo.

## **1.6 A Organização do Trabalho Pedagógico**

O método da escola observada traz ao Brasil práticas modernas de educação bilíngüe e mantém a função de educar e cuidar aumentando os conhecimentos e experiências das crianças na convivência em sociedade.

Seu currículo desenvolve as múltiplas linguagens da criança que estão contempladas no processo de construção de conhecimentos. A escola fundamenta-se através do programa desenvolvido pelo CEC Network e com a LDB que está em vigor.

Acerca do programa a proposta pedagógica da escola traz (2010, p. 4):

- O programa é baseado nas práticas reflexivas e contemporâneas de educação; relevando a perspectiva sócio-interacionista, entendendo que o sujeito aprende em

ambiente propício a favorecer a construção de conhecimentos na interação sujeito/sujeito, e sujeito/objeto do conhecimento.

- O programa foi desenhado para educar e cuidar da criança integralmente: fisicamente, intelectualmente, emocionalmente e socialmente, entendendo que os sujeitos do processo educativo modificam e são modificados pela ação e objetos do conhecimento.
- A integração dos diferentes objetivos e conteúdos de aprendizagem promovem rico e estimulante programa que encoraja a criatividade, imaginação e auto-estima;
- A escola é um ambiente seguro onde o educando é encorajado a assumir novas posturas e se vêem como alunos capazes e competentes;
- Sempre são respeitados os diversos estilos e estratégias de ensino aprendizagem e avaliação, assim como o estágio de desenvolvimento do educando;
- A escola é um lugar dinâmico, onde os educandos desenvolvem auto-estima positiva e são encorajados a serem fiéis ao seu próprio estilo e identidade, convivendo com o outro de forma gradativamente autônoma e respeitosa;
- Uma das prioridades do programa é fazer os educandos não simplesmente aprenderem a ler, mas também a amarem a leitura. A leitura é uma atividade que abre as portas para todas as áreas do conhecimento e ajuda o educando a construir mais conhecimentos e autoconfiança.

A escola mantendo-se como um lugar social faz a apropriação da cultural, da identidade e também da construção do conhecimento em um ambiente favorável para as competências das crianças, com os seus ambientes em forma de centros e com áreas que conseguem atender as necessidades diversas das crianças, proporcionando-as uma convivência tanto em grandes quanto em pequenos grupos, dando atenção ao educando nos seus ritmos particulares e linguagens. Observou-se que ao utilizarem centros para a realização de atividades de grupo, fica mais fácil dar atenção para as crianças em particular e em conjunto, podendo assim trabalhar de forma mais estratégica e dinâmica, dando sempre um suporte aos alunos.

Acerca da prática educativa a proposta pedagógica tem como princípios:

- Igualdade de condições para acesso e permanência na Escola;
- Valorização das experiências e vivências naturais do educando;
- Construção pelo educando de saberes e fazeres significativos;
- Garantia de padrão de qualidade;
- Convivência social; e
- Valorização da construção do conhecimento bilíngüe.

Um ponto relevante que a proposta traz é: “Igualdade de condições para acesso e permanência na Escola”, a pergunta que fica é: Quais condições são essas? Afinal as famílias que não tem uma condição financeira alta, não conseguem manter seus filhos na escola. Outra questão importante é a valorização das experiências e vivências do educando, já que são eles o nosso maior interesse, uma vez que estamos trabalhando



para terem a melhor a qualidade no processo de ensino-aprendizagem e quando valorizam essas vivências os alunos podem interagir de forma construtiva junto aos professores.

Lima (2007, p.161, citando CÓRIA-SABINI 1986), diz que a valorização desse tipo de experiência do educando ajuda para que esses participem na elaboração dos objetivos em que se pretendem alcançar, na execução das atividades que irão desenvolver, dessa forma trazem a vida do aluno para dentro da sala de aula, misturando o mundo e real e o simbólico da forma lúdica e responsável.

Sem deixar de comentar que um dos maiores princípios da escola é a construção do conhecimento bilíngüe, dessa maneira deve-se conseguir alcançar esse objetivo e formar cidadãos bilíngües.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA:**

#### **2.1 Metodologia Utilizada**

A metodologia utilizada para a presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem de caráter qualitativo. A partir da observação do participante (relato de experiência) e entrevistas, esse tipo de pesquisa se encaixa aos fenômenos considerados interacionais, a qual a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa realizada pelo contato das pessoas.

Segundo Lucke e André (1986, p. 13, apud OLIVEIRA, 2008) esse tipo de abordagem vai estudar um único caso, devendo ser aplicado o estudo de caso quando o pesquisador tiver um interesse em pesquisar uma situação, singular, particular. De acordo com os autores a preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total, onde o pesquisador pode se utilizar de diferentes fontes para fazer a coleta de dados, sendo esses colhidos em diferentes momentos da pesquisa, como por exemplo, dentro da sala de aula, momento de intervalo e lanche, na hora da entrada e saída dos alunos, parando para ouvir, pais, alunos, professores, se atentando para coletar esses dados do início ao fim do semestre-ano letivo.

Essa abordagem também concebe o ambiente natural como fonte direta para a coleta de dados, tendo o pesquisador como o instrumento-chave para esse processo. A pesquisa foca não apenas no resultado e sim no processo que se dá, podendo haver certa influência do pesquisador ou até da própria entrevista a cerca da situação observada uma vez que a mesma se dá pela interação dos sujeitos observados com os fatores que integram.

A pesquisa também apresenta um caráter exploratório, já que desenvolve e esclarece idéias, trazendo uma visão acerca da importância da formação de professores, na aquisição da segunda língua. De acordo com Gil (2008), a pesquisa exploratória proporciona uma grande familiaridade com a problemática, objetivando torná-la mais explícita ou a construir hipóteses e afirmando ainda que o planejamento dessa tipologia é mais flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos sobre o objeto investigado.

## **2.2 Critérios de Seleção dos Participantes**

Os critérios utilizados para selecionar os participantes de uma das entrevistas, foram baseados na série em que a observação foi feita, dessa forma pediu-se para que as professoras regentes das turmas em questão respondessem ao questionário com cerca de nove questões discursivas, esse roteiro de entrevista foi aplicado com cinco professoras Bilíngües, que já deram ou dão aula para o Intermediate Kindergarten, a série que foi feita a observação. A duração de cada roteiro foi em torno de 15 a 20 minutos. Todos os nomes utilizados são fictícios, como forma de preservar a imagem das professoras. A professora Amanda é graduada em Pedagogia, Márcia é graduada em Letras com formação em Pedagogia e pós-graduada em Orientação Educacional, Talita é graduada em Letras e tem Mestrado em Lingüística, Maria é graduada em Artes e Rafaela é graduada em Pedagogia é pós-graduada em Psicopedagogia. Utilizarei números para identificar cada professora nas tabelas seguintes. A representação ficou da seguinte forma: Amanda 1, Márcia 2, Talita 3, Maria 4 e Rafaela 5.

O segundo roteiro foi realizado com quatro mães que optaram em colocar seus filhos em escolas bilíngües, essas mães foram selecionadas como forma de analisar a sua satisfação em relação à qualificação das professoras e o motivo de escolherem uma escola bilíngüe, essa entrevista teve apenas quatro questões dissertativas a serem respondidas e levaram cerca de dez minutos para concluírem a pesquisa, os nomes também foram preservados. Os roteiros das entrevistas com a as mães e as professoras encontram-se no Apêndice.

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Contextualização da escola:

A escola adota a Educação Bilíngüe (Português e Inglês), possui em seu sistema o ensino de Educação Infantil e Ensino Fundamental (1 ° ao 5 ° ano) , seu currículo orienta a formação de crianças de dois a dez anos envolvendo e desenvolvendo as múltiplas linguagens, tem como base as práticas reflexivas e contemporâneas de educação, considerando uma perspectiva sócio-interacionista, considerando que o sujeito aprende na interação sujeito/sujeito e sujeito/objeto do conhecimento.

O seu programa foi desenvolvido para cuidar e também educar as crianças tanto nas formas intelectual, social, física e emocional, partindo desse pressuposto a escola está de acordo com a LDB que traz em seu Art. 29. que:

a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A escola é considerada um ambiente seguro aos alunos, seus ambientes atendem às diversas demandas e necessidades das crianças entre dois a dez anos. O programa integra os indivíduos com tecnologia moderna, oferecendo as crianças uma ambiente estimulante para a aprendizagem, segundo o site da escola os professores são graduados em pedagogia por instituições brasileiras de educação, mas a cerca da realidade da formação das professoras falaremos em breve.

A escola sempre busca trazer um treinamento contínuo que visa ensinar como utilizar o programa adotado, mas esse infelizmente não é realizado com todo o corpo docente, a maioria das vezes, esses treinamentos são feitos apenas com as professoras regentes excluindo dessa forma as professoras assistentes, que são fundamentais para o desenvolvimento tanto da escola como das crianças. O programa da escola tem uma abordagem de ensino integrado, ou seja, as matérias não se separaram, elas são integradas em unidades temáticas. A escola adota a filosofia de que as crianças são consideradas o centro da aprendizagem e construtora do seu próprio conhecimento.

O seu currículo não se baseia em apenas um pensador e sim em vários, como Lev Vygotsky, Howard Gardner, Jean Piaget, Eric Erikson. Crianças com dois anos de idade entram no Toddler, onde o ensino é 100% em Inglês, aos três anos quando estão no Nursery o ensino continua 100% em Inglês, aos quatro anos quando passam ao Junior Kindergarten continuam no último estágio de ensino 100% em Inglês, já aos cinco anos de idade, referente ao Intermediate Kindergarten, além do Inglês as crianças passam a ter contato com a língua materna, dessa forma 75% da aprendizagem é feita em Inglês e 25% em Português, dos seis anos em diante (desde o year 1), o ensino é 50% em Português e 50% em Inglês.

Atualmente na escola observada cerca de noventa e cinco por cento dos alunos são brasileiros, em 2009 dentro de uma sala com apenas oito crianças, quatro eram brasileiras e quatro estrangeiras sendo (uma criança Britânica e três Africanas), ainda em 2009 uma criança Israelense entrou na escola e permaneceu até o ano de 2011, retornando a sua cidade de origem. Essas são algumas crianças estrangeiras que passaram pela escola até o presente momento, no entanto não estudam mais na escola. Em 2012 no turno matutino tem dois irmãos que são estrangeiros. Por ai percebe-se que as famílias brasileiras, têm buscado bastante por escola Bilíngüe. Observou-se que as crianças que freqüentam a escola pesquisada pertencem à famílias com condições financeiras, dessa forma, pode-se considerar que essa escola fornece uma educação bilíngüe elitista, tendo em vista que foi uma escolha das famílias a busca pelo aprendizado de uma segunda língua, visando um diferencial educacional e até mesmo profissional para os seus filhos, já que todos visualizam o futuro.

Na escola observada encontra-se uma professora formada em Fisioterapia e, ao ser indagada de qual seria a sua formação (sem imaginar que a pesquisadora já sabia a resposta), respondeu que era formada em Letras. Baseada na resposta dada, perguntou-se se ela já havia feito a complementação em Pedagogia, que outras professoras formadas em Letras da mesma escola já haviam feito no ano de 2011, e a mesma respondeu que ainda não fez, mas que pretende fazer. Perguntou-se também se ela achava que o curso de Pedagogia fazia falta para a sua prática docente e a professora afirmou que sim, ela acredita que muita coisa só saberia se cursasse a Pedagogia.

Pode-se observar na escola uma grande diversidade na formação das professoras, dentre elas encontram-se professoras com licenciatura em Letras, Artes e até mesmo uma formada em Fisioterapia que são as regentes (responsável pela classe).

Algumas professoras formadas em Letras fizeram a complementação em Pedagogia. Dessa forma, como a escola possui algumas professoras com formação em outras licenciaturas que não a Pedagogia, são as professoras formadas em Pedagogia que assumem as turmas, para a comprovação do MEC. Como pode ser encontrado no próprio site da escola, as professores da atuação, deveriam possuir graduação em instituições brasileiras de ensino superior em Pedagogia, mas isso, como pode-se verificar, só acontece na teoria, pois a prática passa um pouco longe do previsto. Fica difícil compreender o que se é passado de verdade para o MEC, aos pais que optam e confiaram em colocar seus filhos nessa instituição, sem falar o que é dito à própria filial da escola a cerca desse assunto tão relevante para o funcionamento da mesma.

De acordo com o PPP a escola tem como missão contribuir na vida das crianças para a construção de uma sociedade mais justa, democrática, livre, voltada para o ser humano, tendo como base os valores da solidariedade, valores éticos com o pretexto que a criança desenvolva o seu padrão ético-moral de participação social e tem como objetivos:

- Oferecer ensino de excelência, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo;
- Ofertar ambiente favorável à construção de habilidades e de competências na perspectiva bilíngüe (português e inglês), facilitando, ao final dessa etapa, a comunicação e a expressão de forma eficaz nos dois idiomas;
- Fornecer aporte teórico metodológico, porá o processo de alfabetização e letramento das crianças, na Língua Portuguesa e Inglesa.
- Promover ambientes diferenciados para desenvolvimento das múltiplas linguagens pertinentes a cada etapa de ensino;
- Valorizar a pluralidade cultural, oferecendo espaço próprio à aquisição da segunda língua, o inglês;
- Oferecer recursos para que os educandos satisfaçam suas necessidades e desejos e os expressem de forma autônoma e natural;
- Valorizar a pesquisa e as vivências dos educandos como aporte para aprendizagens significativas;
- Criar condições para o desenvolvimento do educando, assegurando-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania;
- Fornecer ao educando os meios para progredir nos estudos posteriores;
- Atender alunos de diferentes nacionalidades, respeitando e apreciado a cultura de cada uma, construindo uma concepção integrada de mundo;
- Possibilitar atitudes que expressem a consciência dos valores universais;
- Criar condições para o desenvolvimento da afetividade, criatividade, autonomia e participação;
- Promover a integração da família no processo educativo, a fim de formar parceria na educação dos alunos.

Novamente é importante lembrar que a escola traz como um de seus objetivos “Ofertar ambiente favorável à construção de habilidades e de competências na perspectiva bilíngüe (português e inglês), facilitando, ao final dessa etapa, a comunicação e a expressão de forma eficaz nos dois idiomas”, além de “valorizar a pluralidade cultural, oferecendo espaço próprio à aquisição da segunda língua, o Inglês”, o que de fato ocorre já que a escola está proporcionando o contato com a segunda língua na maior parte do tempo que as crianças estão na escola, em momentos de playground, intervalos e aulas, com a exceção a aula de Português.

Fornece recursos para que os alunos consigam satisfazer suas necessidades, pode-se constatar que utilizam materiais como computadores em sala de aula, para que haja aulas expositivas, objetos para que as crianças libertem a sua criatividade como é o caso do “drama-center” (roupas, brinquedos e outros materiais, que integram o momento de brincadeira), dependendo do tema abordado a professora pede que os alunos tragam de casa algo, como pesquisa, brinquedo ou objetos diversificados que ajudem as crianças a se expressarem, dessa forma quando diz que valorizam a pesquisa e as vivências dos educandos como um facilitador para as aprendizagens significativas, como é o caso das crianças sempre contam como foi o final de semana delas ou fazem interferências na aula para contarem algo que consideram importantes a elas.

Quando a proposta diz que um de seus objetivos é “fornecer ao educando os meios para progredir nos estudos posteriores”, levanta um objeto de estudo futuro, uma vez que os alunos que atualmente estão estudando no year 5 ainda vão demorar um tempo para prestarem o vestibular, pois outra dúvida da pesquisadora é se essas crianças irão passar dificuldade quando forem prestar o mesmo.

A proposta pedagógica vem trazendo que a instituição de ensino com oferta bilíngüe vem principalmente atender uma demanda “própria da região onde fatores como deslocamento constante de diplomatas de diferentes regiões do mundo, administração pública e principalmente, educação de qualidade é realidade inegável”, em seguida já afirma que a escola quer:

Ocupar e justificar sua presença com ensino de qualidade, educadores com formação de excelência, métodos eficazes e excelência para a faixa etária de dois a dez anos de idade. Entendendo e conjugando as dimensões indissociáveis, de Cuidar e Educar de crianças e adolescentes. Entendendo ainda, que a criança se apropria e aprende o que vive e experimenta, nesse sentido, a estrutura bilíngüe da escola, oferece alfabetização na língua materna (Língua Portuguesa), e concomitantemente na Língua Inglesa, explicitando a devida preponderância da Língua Portuguesa sobre o idioma estrangeiro, uma vez que as estratégias de alfabetização e letramento serão otimizado no componente curricular Língua Portuguesa.

O próprio PPP da escola é contraditório uma vez que ele afirma que a escola oferece “igualdade de condições de acesso e permanência” e logo em seguida diz que a instituição de ensino com oferta bilíngüe vem principalmente para atender uma demanda “própria da região onde fatores como deslocamento constante de diplomatas de diferentes regiões do mundo, administração pública e principalmente, educação de qualidade é realidade inegável”, outra afirmação que merece destaque é quando fala que os “educadores possuem uma formação de excelência”, qual seria essa excelência de formação a que se referem?

A organização pedagógica diz que:

A escola oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental, em regime seriado anual, ou seja, onde o educando passa por um currículo desenvolvido ao longo de um ano letivo. O conteúdo é distribuído ao longo dos anos letivos e em planejamentos semestrais, quinzenais e semanais. A previsão nesta etapa é organizar as turmas por faixa etária e, no final de cada ano letivo, sua promoção à série subsequente. O currículo tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contempla todas as diretrizes de conteúdos, estratégias e orientações constantes no documento Diretrizes Curriculares para Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, busca alinhamento com os documentos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental, e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RECNEI), para consolidar sua prática didático-pedagógica. A fim de contemplar preceitos legais e pedagógicos constantes na legislação em vigor, e nas diretrizes da mantenedora, que deseja antes de tudo oferecer educação de qualidade à sua comunidade, a escola trata as questões de construção de alfabetização e letramento de forma responsável e orientada. Assim o cotidiano pedagógico assiste de forma equânime o volume de aulas e de conhecimento nos componentes curriculares de Língua Portuguesa Língua Inglesa, isto é, o número de disciplinas lecionadas em Língua Portuguesa é superior ao número dado em Língua Inglesa, porém, o conteúdo dado no montante final se equivale.

O PPP vem trazendo uma informação que não expressa a realidade, quando diz que “o cotidiano pedagógico assiste de forma equânime o volume de aulas e de conhecimento nos componentes curriculares de Língua Portuguesa Língua Inglesa, isto é, o número de disciplinas lecionadas em Língua Portuguesa é superior ao número dado em Língua Inglesa, porém, o conteúdo dado no montante final se equivale”, o que de fato acontece é o contrário, pode-se verificar claramente assim:

Educação Infantil:

- Creche I – Toddler (dois anos) 100% Inglês
- Creche II – Nursery (três anos) 100% Inglês
- Pré-Escola I – Junior Kindergarten (quatro anos) 100% Inglês
- Pré-Escola II – Intermediate Kindergarten (cinco anos) 75% Inglês e 25% Português.



E no ensino fundamental o currículo tem uma adaptação, sendo que metade do período de aula é ministrada em cada língua sendo assim, fica, 50% em Português e 50% em Inglês.

Organização Curricular concretiza que:

A organização curricular da Escola orienta os processos formativos nas diferentes áreas do conhecimento, de forma dialógica, apresentando saberes e fazeres em contextos de significação, interdisciplinaridade e relevância nas diferentes etapas da Educação Básica. Alinha suas bases conceituais procedimentais e atitudinais com os documentos oficiais brasileiros (MEC e SEE/DF), orientações da Matriz da escola e da sua mantenedora.

Como o próprio PPP afirma a organização curricular da Escola envolve a interdisciplinaridade nas diferentes áreas do conhecimento, dessa maneira as professoras devem saber trabalhar com a mesma.

Acerca do Currículo na Educação Infantil:

O currículo na Educação Infantil, atendendo ao compromisso de cuidar e educar busca o desenvolvimento da capacidade da criança de intervir no mundo com liberdade, criatividade, articulação e cooperação, visando desenvolver sua identidade e autonomia. O convívio curricular na instituição, busca sustentar e aperfeiçoar cotidianamente, o ensino, aprendizagem e avaliação na perspectiva bilíngüe, onde a alfabetização e o processo de letramento relevante no ambiente educacional, é apoiado no idioma natural brasileiro (Língua Portuguesa), e também na Língua Inglesa.

A escola realmente trabalha muito com a criatividade das crianças, observou-se também que as atividades propostas exigem bastante da coordenação motora das crianças e o sentido de cooperação é muito bem trabalhado com as crianças, já que as professoras sempre estão ensinando-as como trabalhar em grupo, a dividir os materiais e os brinquedos.

A Educação Infantil tem como objetivos:

- a) reconhecer as crianças como seres íntegros que aprendem a ser e a conviver consigo mesmas, com os demais e com o meio ambiente de maneira articulada e gradual;
- b) buscar interação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã como conteúdos básicos para construção de conhecimentos e valores;
- c) associar os conhecimentos sobre espaço, tempo, comunicação e expressão à natureza e às pessoas, em articulação com os cuidados e a educação para a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, as linguagens, o trabalho, o lazer, a ciência e a tecnologia;
- d) considerar o contexto em que cuidados e educação se realizem de modo prazeroso, lúdico, onde estejam contempladas as brincadeiras espontâneas, o uso de materiais, os jogos, as danças e os cantos, as comidas e as roupas, as

múltiplas formas de comunicação, expressão, criação e movimento, o exercício de tarefas e rotinas cotidianas e as experiências dirigidas, que exigem o conhecimento dos limites e alcances das ações das crianças e adultos.

Os valores são sempre trabalhados com as crianças, no início desse ano (2012) foi feito um projeto que trabalhou os valores de: Respeito, Solidariedade, Responsabilidade e Auto-disciplina, onde as professoras vestiam camisetas com esses valores estampados toda sexta-feira, além de trabalharem dentro de sala de aula com as crianças sobre os mesmos. O processo de ensino-aprendizagem ocorre de forma lúdica, observou-se que as aulas ministradas utilizam-se de jogos e brincadeiras para tornar a aprendizagem prazerosa, com isso as crianças se sentem muito mais motivadas e aprendem bem melhor.

A metodologia adotada:

O método da escola é caracterizado pela concepção de infância como período privilegiado, onde os educandos constroem seus conhecimentos por meio das múltiplas linguagens, das interações que experimentam com o objeto do conhecimento e no convívio com seus pares. Entendo que o brincar e suas interações lúdicas são linguagens próprias das crianças para compreender o mundo.

Neste sentido, o método proporciona e facilita a inserção dessas crianças no universo escolar, proporcionando ambientes próprios, experiências em centros criteriosamente pesquisados e desenvolvidos para os fazeres e saberes, em constante evolução e construção.

A inserção da criança em ambiente com elementos culturais diversificados já é um fator enriquecedor do currículo, o que valoriza a pluralidade cultural e, diante da realidade globalizante, prepara as crianças para atuarem como cidadãos do mundo. Neste ambiente de aprendizagem focado em duas línguas, a criança aprende progressivamente, durante o desenrolar dos períodos escolares, a usa adequadamente a língua específica e as respostas culturalmente apropriadas, o que enriquece e potencializa as experiências de aprendizagem.

A metodologia ainda prevê a construção de competências e habilidades ao longo do ano letivo, com avaliações e/ou observações em registro de desenvolvimento, por meio de relatórios semestrais que são construídos a partir de pautas de observação previamente pensadas para analisar e verificar o crescimento e o desenvolvimento das crianças de cada faixa etária nos diferentes momentos de aprendizagem.

É interessante ressaltar que o método da escola se dá pela interação e convívio com os seus pares, uma vez que a educação bilíngüe é trabalhada com ênfase desse fator, já que por vezes as professoras tentam fazer com que os alunos conversem em inglês entre si.

Sobre a Organização Didático-Pedagógica o PPP apresenta que:

A organização do trabalho pedagógico em pauta nos Planos Anuais configura o desenvolvimento e a construção do conhecimento por meio de

objetivos específicos para cada faixa etária, claramente descritos nos planos e planejamentos diários desenvolvidos pelo corpo docente da instituição, a fim de construir ao longo dos anos letivos as habilidades e competências previstas para cada faixa etária.

Processos de avaliação da aprendizagem:

Segundo o PPP, a avaliação é indispensável para a prática pedagógica, uma vez que a mesma permite que os professores façam observações importantes sobre as crianças e sobre o desenvolvimento processual do trabalho proposto. O professor pode avaliar o caminho percorrido pelas crianças, através das observações e registros das próprias crianças, dessa forma a escola espera dos estudantes da Educação Infantil, as seguintes habilidades e competências:

- Habilidades psicomotoras adequadas a sua idade e estágio de desenvolvimento;
- Raciocínio e capacidade de comunicação que lhe proporcionará interação adequada ao meio que vive;
- Desenvolvimento de atitudes e hábitos com as normas sociais;
- Expressão progressiva na comunicação oral e escrita;
- Capacidade da criança, graduado no seu desenvolvimento, de realmente apreciar o hábito da leitura.
- Capacidade de se expressar e se comunicar em diversos contextos, por meio de múltiplas linguagens; e
- Agir progressivamente respeitando sua identidade e autonomia, no meio social onde vive.

A escola realmente propicia às crianças o incentivo ao hábito de leitura, dentro de cada sala de aula da escola existe o reading center (o centro de leitura), sempre que as crianças acabam de realizar alguma atividade e não tem outra coisa para fazer, ou terminam de lanchar e escovar os dentes, ao invés de esperarem todos os amiguinhos sem fazer nada, esses são direcionados ao reading center e as crianças adoram esse momento, tanto é que sempre perguntam se podem ir para lá. Ponto importante também o que fala que a expressão na comunicação oral e escrita é progressiva, isso de fato acontece tanto no Inglês quanto no Português, observou uma criança que no início do ano apresentava dificuldade em formular frases na língua materna e que já no último trimestre já consegue se expressar bem melhor na língua, outra criança que não falava nada e nem entendia o que as professoras diziam, no primeiro trimestre na segunda língua (Inglês), agora no presente momento, já no último semestre a mesma criança já consegue entender e se comunicar na segunda língua, melhor que as outras crianças.

Ainda sobre a avaliação da Educação Infantil:

Não terá objetivo de promoção e será realizado mediante a observação permanente do desenvolvimento do aluno; pelas atividades individuais de pesquisa; pelos trabalhos de grupos e trabalho de campo e/ou experimentais; elaboração de Portifólio e relatórios descritivos individuais. Os instrumentos de avaliação são selecionados pelo professor conforme a natureza do conteúdo e o tratamento metodológico adotado, devendo o professor utilizar mais de um processo e/ou estratégia de avaliação.

Assim como o PPP traz, as professoras de fato utilizam-se de diferentes estratégias para realizar a avaliação dos alunos. No Intermediate, por exemplo, são elaborados portifólios, com todas as atividades realizadas pelas crianças no decorrer do ano, o que facilita a observação do desenvolvimento da criança desde o início ao fim do ano letivo, assim como também são realizados os “assesments” (sondagem) é um meio de avaliação que o professor prepara em cada semestre, que serve mais para direcionar o trabalho do professor em relação a criança, que nível de escrita e leitura que a criança se encontra, quais são as suas maiores dificuldades. O boletim da escola na Educação Infantil é dividido por áreas como habilidades sociais, conhecimento de si mesmo (do próprio indivíduo), jogos e coordenação motora, sendo ainda dividido entre Português e Inglês.

### **3.2 Caracterização da turma:**

A turma observada foi de Intermediate, que é o equivalente ao Jardim II, a classe é composta de 22 crianças, onde dez são meninos e doze são meninas, que iniciaram o ano com cinco anos de idade e agora a maioria já tem seis anos.

Todas as crianças são brasileiras e pais brasileiros, e apenas um dos estudantes teve influência do Inglês dentro de casa, nota-se claramente a diferença entre essa criança comparada às demais devido a sua facilidade na fluência na segunda língua, o que nenhuma outra criança possui. Algumas crianças tem o perfil de serem bem agitadas, uma delas apresenta autismo, mas nada foi realmente diagnosticado, duas crianças, apresentam dificuldade na fala e algumas mostraram dificuldade no início do ano com relação a segunda língua e também a língua materna (Português), mas agora no segundo trimestre essas crianças melhoraram no quesito de desenvolvimento na língua materna, pois na língua Inglesa, muitos ou o equivalente a 95% das crianças da turma ainda apresentam dificuldade em construir um diálogo por completo na segunda língua.

### 3.3 Espaços:

O ambiente de sala de aula é semi-aberto, com todas as adaptações para as crianças, onde os objetos de usos delas ficam ao próprio alcance. Existe um banheiro dentro de sala de aula, com dois vasos sanitários e duas pias, totalmente adaptado para a idade. As paredes recebem as atividades das crianças assim como o alfabeto, os números, o calendário (que é realizado todos os dias). Embora questões de clima atrapalhem bastante ficarmos dentro das salas de aula, uma vez que essas só possuem janelas viradas para dentro da própria escola e possuem apenas um ventilador dentro de cada sala de aula, dessa forma em dias muito quentes ou quando temos algumas crianças doentes acaba se tornando uma situação complicada de ser revertida.

A escola também se utiliza de um playground, parquinho de plástico que é para o uso das crianças no intervalo com duração de 30 minutos todos os dias. Do lado externo do playground encontra-se outro parquinho de plástico exposto ao sol e com areia azul.

A escola possui duas quadras que podem ser utilizadas para as aulas de Educação Física, ou se quando desejado pelas professoras para realizarem uma atividade diferenciada, além dessas quadras dentro da escola, existe um campo de futebol localizado no lado externo da escola ao lado do estacionamento onde as crianças mais velhas podem utilizar em dias de Educação Física, ou em dias de água onde todas as crianças são levadas para brincar.

Possui uma enfermaria preparada para receber qualquer emergência, até o ano de 2011 a escola tinha uma biblioteca com pufes coloridos, onde as professoras podiam levar as crianças para a realização de um conto ou até mesmo uma leitura coletiva, na biblioteca onde também era realizada as aulas de músicas, mas infelizmente devido ao crescimento da escola acabamos perdendo esse espaço de leitura, essa antiga biblioteca se transformou em uma sala de resource, é um espaço para que professores de reforço auxiliem crianças com dificuldades de aprendizado, foi proposto no início do ano que ganharíamos uma nova biblioteca, mas ainda não foi criado esse novo ambiente.

A escola possui cerca de quatorze salas de aulas, uma sala de vídeo onde também são realizadas palestras e reuniões, existem duas salinhas de reuniões, a sala dos professores e a coordenação.

Como um dos estacionamentos da escola é ao ar livre, algumas das aulas de Educação Física, são realizadas nele, a professora então se organiza e pede para que os

pais enviem as bicicletas ou os patinetes e no dia da realização dessa aula diferenciada, o estacionamento é fechado para segurança dos alunos.

### **3.4 Rotina do Intermediate Kindergarten:**

O início da aula do Intermediate Kindergarten, é às 8 horas, mas o colégio abre às 7 horas e as professoras assistentes fazem à recepção das crianças e as encaminham para as salas ou para o playground, lá elas podem realizar várias atividades de artes, colorir, desenhar, ler, brincar com blocos, brincar com jogos pedagógicos ou fazer atividades de matemática. Cada série tem a sua hora de início, conforme dá o início da aula às professoras se direcionam ao playground e chamam sua turma para se encaminharem até a sala de aula. Às 8 horas as professoras dos Intermediates, chamam as crianças e seguem então para a sala. A primeira aula é realizada toda em Inglês.

A primeira tarefa dos alunos é pegar suas pastas, agendas e garrafinha de água, ao entrarem na sala já vão fazendo um círculo para começar o circle time, esse é o momento em que a professora ensina os conteúdos, faz o calendário, relembra as regras e as boas maneiras, pergunta sobre o tempo, canta algumas músicas, mostra algum vídeo relacionado ao conteúdo ou até mesmo imagens, esse momento é realizado entre às 8 horas até no máximo às 9:00 horas. Das 9:00 às 10:00 horas as crianças realizam as atividades propostas que geralmente são divididas em quatro centros, podendo ser dois centros assistidos, as crianças fazem em média duas atividades por dia levando cerca de 20 minutos para a realização de cada uma, toda vez que deve-se trocar de mesas as crianças fazem o clean up (arrumam as mesas, para que as outras crianças possam utilizá-las), nem todas as crianças conseguem finalizar todas as atividades previstas para aquele dia, sendo assim essas atividades ficam guardadas em local separado para que possam torná-las a fazer na sexta-feira que é o Toy day (dia do brinquedo). Das 10:00 às 10:30 é o intervalo das crianças, que é realizado diariamente no playground, parquinho com brinquedos de plástico, mas nem todos os dias conseguimos permanecer os 30 minutos que ficam reservados para o Intermediate, devido as atividades que as crianças acabam demorando muito para fazer. Das 10:30 às 11:00 é a hora do lanche, após terminar o lanche cada um deve fazer o clean up da sujeira do lanche, devem fazer a sua higiene, como escovar os dentes, lavar as mãos. Das 11:00 às 11:40 a professora de Português assume a turma, no início da aula de Português é bem parecido com o de Inglês, a professora ensina as letrinhas, canta músicas e em seguida segue para os centro

às 11:40 até 12:25, restando 5 minutos para organizarmos as crianças para a saída. Essa rotina em geral pode mudar nos dias em que se é passado filme, as terças-feiras com as aulas de Educação Física no horário de 8:20 às 09:20, as quintas-feiras com as aulas de música no horário de 09:00 às 09:40 e sexta-feira é o Toy day (dia do brinquedo) e também dia da Hora Cívica.

### **3.5 Tempo:**

Início da aula de Inglês é às 8:00 horas, começamos com o "circle time" (momento de aprendizagem), logo após as crianças são direcionadas para os centros de atividades (sendo dois deles assistidos e os outros dois centros, as crianças fazem "by themselves"- sozinhas), as crianças têm em média entre 15 a 20 minutos para finalizar cada centro e em média são realizados dois centros por dia (nos dias que têm aula de Educação Física ou Música, apenas um centro é realizado), a criança que consegue realizar todos os centros propostos pode pegar um livrinho, um papel para fazer um free drawing- desenho livre ou brincar no "drama center" (Espaço reservado para que as crianças desenvolvam a imaginação, esse espaço possui roupas, objetos, brinquedos para ajudar nessa criação) . Ao final da aula de inglês as crianças tem 30 minutos para brincarem no playground, e mais 30 minutos para lancharem e fazer a higienização.

Na aula de Português, as crianças têm cerca de 40 minutos reservados para a aprendizagem e logo em seguida também são direcionadas aos centros, cada um em média de 20 minutos para realizar cada atividade, ao terminar todas as atividades as crianças podem pegar um livro para ler. Não é a atividade que determina o tempo das crianças, é o tempo que determina as atividades, dessa forma as crianças nem sempre levam o tempo delas para finalizar as atividades propostas, dependendo da atividade algumas crianças não conseguem finalizar as atividades propostas, podendo finalizá-la em outro dia caso haja um tempo extra, normalmente na sexta-feira, pois é o dia do toy day (dia do brinquedo).

Podemos perceber que as crianças não se sentem confortáveis quando não conseguem finalizar as atividades, devido ao curto período de tempo reservado para realização, elas sempre perguntam se podem terminar outro dia, mas no fundo o que gostariam era de conseguir acabar com todas as atividades no mesmo dia, o tempo acaba sendo extremamente corrido, até mesmo para as professoras, tudo tem que ser realizado muito rápido, como passar o conteúdo dentro da hora, realização das

atividades com as crianças e devido a esse tempo raramente conseguimos fazer uma atividade diferenciada, quando temos algum tempo gostamos de trazer para os alunos o cooking class (onde preparamos alguma receita com os alunos, como por exemplo uma pizza, um hambúrguer, depende muito do conteúdo que está sendo ensinado, pois temos relacionar as aulas diferenciadas com o conteúdo programático).



### 3.6 Respostas ao Roteiro de Entrevistas

#### 3.6.1 Professoras:

As pesquisas foram realizadas com cinco professoras Bilíngües, que já deram ou dão aula para o Intemediate Kindergarten. A duração de cada entrevista foi em torno de 15 a 20 minutos. Os nomes utilizados são todos fictícios para preservar a imagem das professoras. A professora Amanda é graduada em Pedagogia, Márcia é graduada em Letras com formação em Pedagogia e pós-graduada em Orientação Educacional, Talita é graduada em Letras e tem Mestrado em Lingüística, Maria é graduada em Artes e Rafaela é graduada em Pedagogia é pós-graduada em Psicopedagogia. Utilizarei números para identificar cada professora nas tabelas seguintes. A representação ficou da seguinte forma: Amanda 1, Márcia 2, Talita 3, Maria 4 e Rafaela 5.

<b>1) Quantos anos você tem de experiência lecionando idiomas?</b>
1. Dez anos
2. Oito anos
3. Idioma estrangeiro, dois anos e Português, cinco anos.
4. Há mais de doze anos.
5. Cinco anos.

<b>2) Você já morou no exterior? Quanto tempo? Você considera essa experiência significativa para a sua atuação como professora?</b>
1. Morar não, mas fiquei duas semanas na Flórida, EUA e uma em Londres, Inglaterra. De fato a experiência é significativa, pois é como aprendemos os "idioms", expressões idiomáticas que só os nativos da língua podem nos ensinar.
2. Sim, nos Estados Unidos por seis meses. Sim, enriqueceu meu currículo, além de possibilitar o aprimoramento da língua.
3. Nunca morei fora do Brasil.
4. Morei no exterior durante 5 anos e considero a experiência significativa pelo fato de ter sido alfabetizada na segunda língua e ter aprendido definitivamente o idioma nativo.
5. Nunca morei no exterior, porém meu segundo emprego foi em uma escola internacional com famílias de aproximadamente 30 nacionalidades diferentes, e isso foi de extrema importância para minha atuação, uma vez que me mostrou a grande diversidade mundial, e isso nos possibilita trabalhar e aperfeiçoar nossa paciência e compreensão com o “diferente”.

<b>3) Ocorre interdisciplinaridade em sua prática docente? Como ela é realizada pelos professores?</b>
1. Mesmo sendo Educação infantil, eu faço interdisciplinaridade. Ao estudarmos florestas, ou aranhas, por exemplo, é possível envolver conceitos matemáticos e de linguagem em uma parte que é da ciência.
2. Sim, tenho a possibilidade de ministrar diferentes componentes curriculares, tais

como matemática, ciências, artes e linguagem usando a língua inglesa.
3. A interdisciplinaridade é constante. Um conteúdo sempre leva a outro. Quando damos aulas de português, o tema do texto estudado já é um link para retomada de outros conteúdos. O mesmo acontece com textos em outros idiomas.
4. No método trabalhado na escola, há interdisciplinaridade por eu abordar as disciplinas de ciência e matemática na segunda língua.
5. Sim. Na minha prática quando estou falando sobre um assunto, sempre o uso de uma forma que possa trabalhar diversas áreas do conhecimento com os alunos.

<b>4) Como você faz a seleção didática das atividades e materiais? A escola possui materiais próprios, que devem ser seguidos? Há alguma flexibilidade na adoção de outros materiais ou não?</b>
1. A escola possui um programa a ser seguido. Mas às vezes é fraco, então, tento mesclar o programa com atividades que exijam um pouco mais dos meus alunos, adequando-as a cada um.
2. Como a escola é uma franquia Canadense, há um programa que deve ser seguido, no entanto posso acrescentar materiais para contribuir com o desenvolvimento do aprendizado.
3. A escola possui um currículo/ programa próprio que deve ser seguido. Nele constam os materiais que deverão ser utilizados nas atividades. Não há muita margem para que as atividades sejam adaptadas.
4. Todo o material é oferecido pela própria instituição. Eu apenas me aproprio e adiciono em poucas circunstâncias, como é o caso da linguagem artística, pouco trabalhada.
5. A escola em que trabalho possui currículo e material próprio. Há, porém, certa flexibilidade em relação à adoção de outros materiais, desde que não seja um uso excessivo. Atualmente uma ótima forma de seleção de materiais é a Internet.

<b>5) Como você avalia o material didático que utiliza?</b>
1. Fraco e muito desassociado da nossa realidade. Como é uma escola bilíngüe, cabe ao professor fazer as pontes necessárias.
2. O programa é muito bom e a metodologia é o diferencial.
3. O programa da escola é muito bom, pensado para a faixa etária das crianças e seus interesses próprios.
4. Acho extremamente eficiente e coeso. Tenho todos os livros didáticos dos quais necessito e também todo o material escolar requisitado para realizar as atividades.
5. Eu considero o material didático oferecido pelas escolas razoável, ele atende a parte mediana dos alunos, porém não atende nem os alunos que estão além nem os que estão aquém da “média”. Não há grandes desafios nos materiais. Sempre que preciso “desafiar” meus alunos tenho que criar um material novo ou procurar em outras fontes.

**6) Quais são as habilidades mais requeridas dos alunos (o que se espera que os alunos aprendam)? Ex: Atividades motoras, atividades bilíngües (escrita, fala e leitura).**

1. Ao final deste seguimento, é esperado que a criança reconheça as letras do alfabeto e seus sons, com um contínuo desenvolvimento de suas habilidades motoras, principalmente para escrever seu próprio nome e algarismos, e noções simples de matemática. Assim como também a absorção do vocabulário qual ela está imersa e pequeno retorno da língua inglesa.
2. São trabalhadas todas as habilidades. O foco pode variar de acordo com o nível e com a necessidade da criança.
3. Vemos os alunos numa perspectiva global. Eles precisam desenvolver todas essas habilidades: motoras, orais, de escrita, leitura...
4. Na série em que trabalho é esperado até o final ocorra a alfabetização dos alunos.
5. A leitura e a escrita estão em primeiro lugar, e logo em seguida a matemática. Em escolas bilíngües, a oralidade na segunda língua é muito cobrada também. Pais, professores, escolas se esquecem muito do aprendizado de ciências, filosofia, estudos sociais, política, etc.

**7) Quais as principais dificuldades que os alunos encontram para se adaptar a estrutura metodológica curricular adotada?**

1. A linguagem, principalmente. Leva certo tempo para a criança adquirir vocabulário significativo, o que pode prejudicar o processo. Mais ainda se ela for resistente. Uma vez que ela percebe que compreende a professora, e o canal de comunicação se estabelece, temos uma criança até mesmo disposta a tentar algum feedback. A estrutura metodológica uma vez entendida, adaptada, não oferece dificuldades significativas.
2. Penso que a maior dificuldade no início é a oralidade, seguida da leitura e escrita.
3. A maior dificuldade que temos é com a língua inglesa. Como muitos alunos vêm para nossa escola sem ser fluentes nessa segunda língua, essa, sem dúvida, torna-se o maior desafio para eles.
4. A maior dificuldade é com os alunos que ainda estão adquirindo a língua e não apresenta compreensão o suficiente para acompanhar a demanda de informações solicitadas.
5. As crianças têm uma certa dificuldade e resistência em relação ao aprendizado da segunda língua. Além disso, acabam encontrando uma barreira no aprendizado da matemática e de ciências em uma segunda língua, especialmente na hora de transportar os conhecimentos construídos em sala para um papel (alguma atividade).

**8) Quais são as estratégias que você utiliza para facilitar o processo ensino-aprendizado das crianças?**

1. A maior delas é contextualizar o conteúdo. Fazer o aluno um agente do processo. Participativo, questionador, de algo que seja significativo para ele. E respeitar sua individualidade.
2. Uso diferentes recursos metodológicos, como multimídia (fotos, vídeos, apresentações de power point, etc.) músicas, cartazes, apostilas, atividades do programa, teatro, livros, dinâmicas, atividades lúdicas, jogos, etc.
3. É preciso entender o ritmo de cada criança, quais são suas afinidades e onde ela se sente mais confortável. Por exemplo: uma criança que gosta muito de cozinhar e de participar desse processo em casa poderá ter mais facilidade de leitura com receitas. Crianças mais dinâmicas poderão ser introduzidas aos conteúdos de matemática (como

problemas simples) com o uso de manipulativos e jogos dinâmicos. É preciso perceber as necessidades da turma (cada turma é uma turma) e direcionar os trabalhos para atendê-los.
4. Temos na escola aulas de ESL (English as a Second Language) que dá todo o reforço para fazer com que estes alunos com dificuldade possam gradativamente ir adquirindo a língua, melhorando a compreensão e comunicação até o nível em que estejam aptos a ficarem somente em sala de aula.
5. A criança é naturalmente cinestésico-corporal. Portanto, quanto mais utilizamos o corpo delas para o aprendizado, mais elas aprendem e se concentram no que estão fazendo.

### 3.6.2 Mães

<b>1) Por que a escolha por uma escola bilíngüe?</b>
1. Optamos pela escola bilíngüe porque eu e meu marido gostaríamos que nosso filho estudasse o Ensino Médio (High School) no exterior para que ele tenha um contato com outra cultura que o tornará adaptável, ágil, flexível para enfrentar o mundo com mais confiança e segurança. A escola bilíngüe oferece imersão e fluência no idioma inglês e também oferece o currículo brasileiro que o preparará para as universidades brasileiras.
2. O mercado de trabalho hoje pede pelo menos uma segunda língua fluente, que nem sempre é fácil achar. Acredito que se meu filho estudar desde cedo em uma escola bilíngüe ele poderá ter uma fluência perfeita na língua para usar em seus estudos e trabalhos, dentro ou fora do país.
3. A Língua Inglesa faz parte do mundo, não apenas de alguns países. Quero que meu filho tenha oportunidade de ter contato com essa língua de forma natural.
4. Não foi bem uma escolha e sim uma oportunidade. Trabalho numa escola bilíngüe e tenho a bolsa para meu filho.

<b>2) Quais são as suas expectativas?</b>
1. Que meu filho seja inserido em um ambiente bicultural e bilíngüe (inglês) sem perder as referências do currículo brasileiro.
2. Eu espero que meu filho aprenda a falar o inglês corretamente, que saiba se comunicar de uma forma simples, como a língua portuguesa, e que não precise parar pra pensar o que responder e o que falar. Espero que ele aprenda a língua inglesa para utilizá-la de forma natural.
3. Que ele se familiarize com o inglês da mesma forma que com o português.
4. Que ele aprenda e fale Inglês fluentemente. E é claro a Língua portuguesa também.

<b>3) Você acredita que a formação (capacitação) dos professores (os mesmos devem ser formados na área de atuação, além de ter uma boa fluência na segunda língua em questão) influencia no desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (a)?</b>
1. Com certeza. Penso que o professor bilíngüe tem que ter a formação em Pedagogia e possuir um certificado internacional que comprove sua fluência no idioma inglês. Além da capacitação direcionada, o professor tem que ter o perfil adequado: precisa gostar de

dar aulas e saber ensinar de forma contextualizada, ou seja, aulas mais dinâmicas e com o suporte da interdisciplinaridade para que a aprendizagem seja efetiva.
2. Acredito. Se a professora não souber falar um inglês fluente, como vai ensinar ao meu filho? As professoras precisam saber falar, argumentar e se expressar na língua inglesa, para passar todas essas características para os alunos. Caso ela não tenha essa desenvoltura, meu filho pode aprender a sua forma de falar, seus detalhes, sotaques e se não for um bom inglês, pode acabar aprendendo errado.
3. Sem dúvida! É uma escola bilíngüe e não deixa de ser escola. O professor precisa ter formação adequada assim como fluência na língua que a escola se propõe a lecionar.
4. A formação é indispensável e fundamental para sua atuação como educador. Não basta somente ter fluência em Inglês.

<b>4) Você está satisfeita com o ensino-aprendizagem do (a) seu (sua) filho (a)? O que acredita que pode ser melhorado?</b>
1. Estou muito feliz com o desenvolvimento do meu filho Guilherme que entrou na escola no “Intermediate” (Pré-escola II) e agora está cursando o “Year 3” (3º ano). Percebo que o aprendizado tem sido natural, estimulando a flexibilidade, a linguagem e a capacidade de pensar. Gostaria que houvesse mais oficinas de ciências com experiências, gincana de matemática, oficinas de redação e mais incentivo ao esporte como a criação de um Centro Esportivo, o que torna o aprendizado mais dinâmico e divertido.
2. Estou satisfeita sim, acredito que meu filho vem progredindo com o passar dos anos na escola, está mais empolgado com a língua, querendo usar cada vez mais. E acredito que para melhorar seu desempenho, as professoras poderiam cobrar mais uso da língua inglesa, talvez incentivar com atividades e prêmios para o aluno que mais falar inglês, pois assim acredito que terá um desenvolvimento maior na linguagem.
3. Durante o ensino infantil sim. A partir do ensino fundamental o programa escolar está abaixo comparado com outras escolas de Brasília, tais como Marista e Galoís. A imersão na língua inglesa está ótima, mas o currículo escolar deixa a desejar.
4. Ele entrou este ano no Intermediate e sinto que ele ainda tem uma grande resistência do Inglês.

### 3.7 Análise discursiva dos resultados

À luz do referencial teórico, considera-se que a escola pesquisada proporciona uma educação bilíngüe, na qual duas línguas, o Inglês e o Português são utilizadas nas instruções das aulas e em outros ambientes da escola. O Português, por ser a Língua Materna de todos os alunos da sala de aula analisada e da grande maioria da escola observada, acaba tendo o seu valor e também o seu prestígio dentro e fora da escola e por conta disso permanece facilmente no vocabulário dos alunos. Já a segunda língua, o Inglês, é adquirido de uma maneira natural, através das interações entre os alunos, tendo como foco principal a interação com os professores que se utilizam dessa língua constantemente dentro e fora de sala de aula. Embora acredite-se que a segunda língua poderia ser bem mais utilizada fora de sala de aula, uma vez que o foco da escola é o Inglês. Lembrando que todos os funcionários da escola, exceto a equipe da limpeza e os professores de Português, possuem fluência na Língua Inglesa, dessa forma pode-se proporcionar uma ambiente de imersão nessa língua, facilitando o processo de aquisição.

A escola adota que a aquisição do inglês ocorra de forma natural, através de interações entre as crianças, dos diálogos construídos no ambiente escolar que faz essa imersão da segunda língua, tendo como foco a instrução na língua inglesa para que ocorra a aquisição da mesma, de maneira geral, principalmente na teoria nem sempre na prática, a utilização do Inglês é feito em todos os momentos tanto os de realização de tarefas quanto em caráter lúdicos, como por exemplo, na hora do playground. Como a escola enfatiza primeiramente a compreensão da segunda língua, não existem muitos momentos em que as professoras fazem a correção do que os alunos dizem de errado no Inglês para que não se sintam pressionados e inseguros para se comunicar na segunda língua, embora quase todos os alunos ainda se comuniquem mais na língua materna, mas todas, desde o momento de observação, já tentaram se comunicar diversas vezes através da segunda língua seja por frases que elas mesmas tentam formular ou frases já feitas, uma vez que a professora regente de Inglês, passou a informação para as crianças que ela não compreende o Português, sendo assim quando as crianças apresentam uma dificuldade muito grande para se comunicar, sempre se direcionam à professora assistente para fazer uma intervenção.

De acordo com o PCN (BRASIL, pág. 29) o desempenho dos alunos reflete diretamente na formação dos professores e como se pode observar nos resultados, de

cinco professoras entrevistadas, apenas duas são licenciadas em Pedagogia, duas em Letras e uma formada em Artes, além de outra profissão como, por exemplo, fisioterapia, sabendo das formações das professoras, concluímos que não é levado tanto em consideração na escola observada, a formação das professoras que ministram as aulas, podendo qualquer pessoa de qualquer área fazer a inserção da segunda língua, uma vez que o que importa é ter a fluência no Inglês, mas o que me questiono é o que vem a ser do processo ensino aprendizagem dessas crianças, como por exemplo, o ensino de Ciências, Geografia, Matemática e outras disciplinas além de questões como desenvolvimento de coordenação motora fina e grossa, e outras questões que seriam passadas por profissionais da área de Pedagogia. Com esses dados acredito que a escola, deixa a desejar na questão de ensino de conteúdo, isso também já foi notado por pais ao responderem ao questionário realizado pela própria instituição.

Com algumas observações pode-se perceber que às vezes nem com a graduação em Pedagogia, os professores estão saindo preparados para lidar com as crianças, mesmo após aprender diversas teorias no centro de ensino, entre algumas conversas na escola, Carla, uma professora graduanda em Letras, me disse que estava apresentando muita dificuldade em relação às crianças, no sentido de ensinar, interagir, pois além de não ter se quer alguma experiência anterior, também não teve nenhuma teoria durante a sua formação. Uma das queixas de uma professora assistente da escola é de que ela além de ser formada em Pedagogia, também já tem o Mestrado e ganha menos que a Regente que possui apenas a licenciatura e ganha o mesmo que as professoras assistentes, apenas formadas em Letras ou Pedagogia, ou que ainda estão para se formar. É completamente compreensivo a sua revolta, pois ela ao invés que estar assumindo uma regência, ainda está assistindo uma professora que no momento de apresentação aos pais não a deixou se apresentar para os mesmos, pois ao falar que já possuía o Mestrado ia rebaixá-la.

Consideramos que a valorização por parte das instituições não devem se apenas direcionadas para formação continuada e sim na valorização do curso de Pedagogia, pois da forma que a escola vem agindo infelizmente acaba banalizando o nosso curso, pois várias professoras já formadas ou ainda em formação como eu, já estão completamente desmotivadas com a carreira, uma vez que não conseguimos visualizar um futuro dentro do nosso próprio espaço de ensino.

Um questionário que a escola analisada, aplicou com os pais, recebeu algumas críticas diretamente ligadas à qualificação das professoras, alguns comentários feitos foram os seguintes:

*“... Ainda sinto falta de preparo docente”.*

*“A escola está deixando a desejar na qualificação de professores e também de conteúdos...”.*

*“... o corpo docente precisa ser melhor selecionado.”*

*“Percebemos que as professoras são esforçadas, mas não são capacitadas o suficiente, às vezes nem possuem experiência...”*

Esses são apenas alguns dos comentários que os próprios pais fizeram em relação ao corpo docente da instituição de ensino observada, das respostas dadas pode-se perceber que até os pais já estão reclamando da falta de preparo do corpo docente. A escola tenta melhorar a capacitação dos professores com cursos e palestras, realizadas com pessoas quem vem do país de origem da escola para que possam repassar alguns ensinamentos da Filosofia e metodologia da mesma. Esses cursos têm o período de curta duração, com no máximo cinco dias, também não são oferecidos a todo o corpo docente e sim apenas para algumas professoras selecionadas, acredita-se que por ser uma carga horária muito pequena, não seja suficiente para melhorar a capacitação das professoras, deveriam sim tentar melhorar a capacitação das professoras investindo na educação continuada delas, mas de forma que todas pudessem participar e de forma eficaz, com cursos profissionalizantes.

De que adianta serem oferecidos um contínuo programa de capacitação profissional com objetivo de garantir a compreensão do programa em si e da aprendizagem de novas estratégias de ensino, se não é ofertado à todas as professoras? Afinal acredita-se que o grande objetivo é a busca do ensino de qualidade.

Esse tipo de situação é que não é cabível e muito menos aceitável, o direcionamento para pessoas formadas em outras Licenciaturas é para o Ensino Fundamental e não para a Educação Infantil, da mesma forma que as Pedagogas não são habilitadas para lecionar em Ensino Médio, por exemplo, se não houver alguma especialização, tanto é que se fosse correto, não haveria a necessidade da escola analisada, fazer com que as professoras pedagogas assumam as turmas das professoras com outras licenciaturas.

Das cinco professoras que responderam à pesquisa, três nunca moraram no exterior, mas Amanda, que fez uma viagem de aproximadamente duas semanas,



considera um fator importante para melhorar a comunicação e passar um tempo fora com os nativos da língua é fundamental até mesmo para aprender algumas expressões idiomáticas que, segundo ela, apenas os nativos podem nos ensinar. Rafaela também é outra professora que nunca morou fora, apenas trabalhou em uma escola internacional com famílias de diversas nacionalidades e considera essa experiência de grande importância para a sua atuação hoje em dia; até mesmo para ter mais paciência e compreender o “diferente”, como ela refere-se aos outros. Márcia morou nos Estados Unidos cerca de seis meses, a professora considera que esse período de sua vida enriqueceu o seu currículo, além de possibilitar o aprimoramento da língua e Maria morou fora por cinco anos, considera a sua experiência significativa pelo fato de ter sido alfabetizada na segunda língua e ter aprendido definitivamente o idioma nativo. Talita nunca morou no exterior e nem deu a sua opinião se considera que seria uma questão válida ou não para a sua fluência.

Pelas respostas apresentadas das cinco professoras, nota-se que todas entendem interdisciplinaridade da mesma maneira ao serem perguntadas se ocorre interdisciplinaridade em sua prática docente e como a mesma é realizada. Amanda acredita fazer interdisciplinaridade, ela deu o exemplo de que quando ensina aranhas e florestas consegue envolver conceitos matemáticos e de linguagem, Márcia também acredita que faz interdisciplinaridade quando ministra diferentes componentes curriculares como Ciências, Artes, Matemática, sendo ministradas tudo na língua Inglesa. Talita tem em mente que a interdisciplinaridade é um fator constante, o qual um conteúdo sempre acaba levando à outro. Maria tem em mente que tem a possibilidade de fazer interdisciplinaridade apenas por abordar algumas disciplinas através da segunda língua e já Rafaela diz que quando fala sobre um assunto sempre usa de uma forma que possa trabalhar em diversas áreas do conhecimento dos alunos.

As professoras têm em mente que a interdisciplinaridade é poder ministrar diversos conteúdos, fazendo um link entre eles e de certa forma elas não deixam de estarem certas, afinal não existe um consenso formado entre os especialistas do que seria a interdisciplinaridade. Embora Oliveira (2005) levante a questão de que os professores acabam utilizando-se de termos semelhantes para designar uma mesma aspiração, exemplos disso são os conceitos como ensino integrado, Educação Ambiental, Trabalho de Projeto, que acaba não aparentando uma distinção clara da educação interdisciplinar. O que seria interessante de fato é poder ter várias professoras de diversas disciplinas fazendo uma interdisciplinaridade entre si, ou seja, trabalhando

conteúdos diversificados, mas sempre tendo uma ligação entre elas. Segundo Hilton Japiassú (1976 apud FAZENDA 2002), a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisas.

Fazenda (2002, p. 27) afirma que interdisciplina é a interação entre duas ou mais disciplinas e que um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam sua formação em diferentes domínios do conhecimento, com seus métodos, conceitos, termos próprios e seus métodos. Tomando Fazenda como referência, podemos concluir que a escola observada realiza uma pedagogia interdisciplinar, uma vez que a autora considera que interdisciplinaridade é caracterizada pela intensidade das trocas de conhecimento entre os especialistas, o que ocorre na escola, uma vez que as professoras do mesmo nível (da mesma série) trocam idéias entre si, quinzenalmente, através da chamada coordenação, onde preparam as atividades que serão realizadas durante as semanas e os conteúdos a serem ministrados. Nessa coordenação elas divulgam seus pensamentos de como tal conteúdo será melhor ensinado, como podem trabalhar a matemática e a linguagem ao mesmo tempo por exemplo, em relação a algum conteúdo específico.

Segundo as respostas das professoras em relação às perguntas: Como você faz a seleção didática das atividades e materiais? A escola possui materiais próprios, que devem ser seguidos? Há alguma flexibilidade na adoção de outros materiais ou não? A maioria respondeu basicamente a mesma coisa. A escola possui um programa que deve ser seguido e nele consta os materiais que devem ser utilizados nas atividades, mas a professora Amanda acredita que o programa é fraco e por isso tenta mesclar o programa com atividades que exijam mais das crianças, mas sempre fazendo a adequação necessária. As professoras acreditam que existe uma flexibilidade em acrescentar materiais a serem utilizados nas atividades. Talita acredita que não exista uma margem para que as atividades sejam adaptadas, no ponto de vista de pesquisadora percebi que a escola permite sim que as professoras se baseiem em outros recursos para tornar o aprendizado com mais eficácia, afinal deve-se ter em mente, por exemplo, que o livro didático é apenas um recurso para o professor e não apenas o único material que deva ser utilizado, mesmo porque a maioria deles são superficiais e não trazem tudo que devemos ensinar, os professores devem correr atrás de novas informações pois se formos esperar que tudo que seja realizado e ensinado para as crianças já esteja

“pronto”, não estaremos fazendo diferença no ensino, um dos maiores objetivos que um professor deve levar consigo.

Segundo Freire (1979 apud BULGRAEN 2009, p. 02), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar.

O ensino de acordo com Libâneo (1994 apud BULGRAEN 2009, p. 05), tem como função principal garantir o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos, de maneira que, o professor planeje, dirija e comande o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem. Dadas as observações, percebemos as professoras da escola observada planejam o processo de ensino, sempre tentando estimular seus alunos para que esses sintam interesse pelos conteúdos e as mesmas não medem esforços quando o assunto é estimular as crianças, as professoras estão sempre buscando inovar seus jeitos de ensinar, trazer coisas novas e criativas para dentro de sala de aula, o que acaba enriquecendo muito o processo de ensino-aprendizagem.

Quando se passa a falar sobre o material didático que as professoras utilizam, existe uma divergência nas respostas. Acerca do material didático Amanda acredita que é: “fraco e muito desassociado da nossa realidade. Como é uma escola bilíngüe, cabe ao professor fazer as pontes necessárias”. Considera-se interessante uma professora pensar, que o material oferecido não é o suficiente dessa forma ela tem o dever de buscar novas informações, já Márcia e Talita afirmam que o programa da escola é muito bom e pensado para a faixa etária das crianças e até mesmo de seus interesses.

Rafaela considera que: “o material didático oferecido pela escola é razoável, ele atende a parte mediana dos alunos, porém não atende nem os alunos que estão além nem os que estão aquém da *média*. Não há grandes desafios nos materiais. Sempre que preciso *desafiar* meus alunos tenho que criar um material novo ou procura em outras fontes”.

Observando as respostas dadas percebeu-se que as professoras que consideram o material didático oferecido pela escola, bom, se contentam com o mesmo e acabam trabalhando apenas com ele, já as professoras que não acreditam ser um programa muito adequado, estão sempre em busca de novas informações complementares para a suas práticas pedagógicas. Nesse assunto nota-se uma questão de desqualificação da escola observada quando deparamos com professoras que dizem que seu programa adotado não é tão bom, como diz Rafaela: “o material didático oferecido pela escola é razoável, ele atende a parte mediana dos alunos, porém não atende nem os alunos que estão além nem os que estão aquém da *média*. Não há grandes desafios nos materiais. Sempre que preciso *desafiar* meus alunos tenho que criar um material novo ou procura em outras fontes”, e Amanda acredita que é: “fraco e muito desassociado da nossa realidade. Como é uma escola bilíngüe, cabe ao professor fazer as pontes necessárias”. Dessa forma percebe-se que o programa adotado deveria passar por uma nova análise e talvez fosse necessário acrescentar atividades que exigissem um pouco mais da capacidade das crianças, assim como trazer também atividades diferenciadas para aqueles que apresentam dificuldade em aprender. De qualquer forma não é uma questão apenas de currículo, e sim de empenho das professoras, fica claro que existe professoras que se empenham no seu trabalho e se dedicam para que o processo de ensino aprendizagem seja mais eficaz.

Quando se passa a falar sobre as habilidades que são requeridas dos alunos, as professoras apresentaram algumas respostas variadas, como podemos constatar. Amanda diz que: “Ao final deste seguimento, é esperado que a criança reconheça as letras do alfabeto e seus sons, com um contínuo desenvolvimento de suas habilidades motoras, principalmente para escrever seu próprio nome e algarismos, e noções simples de matemática. Assim como também a absorção do vocabulário qual ela está imersa e pequeno retorno da língua inglesa.”. Márcia diz que: “São trabalhadas todas as habilidades. O foco pode variar de acordo com o nível e com a necessidade da criança.”, Talita por outro lado acredita que: “Vemos os alunos numa perspectiva global. Eles precisam desenvolver todas essas habilidades: motoras, orais, de escrita, leitura...”, no entanto Maria responde que: “Na série em que trabalho é esperado que até o final ocorra a alfabetização dos alunos.”, e para finalizar Rafaela diz o que pensa sobre o tema: “A leitura e a escrita estão em primeiro lugar, e logo em seguida a matemática. Em escolas bilíngües, a oralidade na segunda língua é muito cobrada também. Pais, professores,

escolas se esquecem muito do aprendizado de ciências, filosofia, estudos sociais, política, etc.”.

Observamos que a faixa etária do Intermediate Kindergarten, as crianças devem ao final do ciclo sair reconhecendo todas as letras do alfabeto, e também a sua sonoridade (fazer a associação de grafemas e fonemas), e não como afirma Maria, que ao final haja a alfabetização dos alunos, mesmo porque a alfabetização plena se dará nos anos seguintes da Educação Fundamental. A criança, deve também reconhecer os números até 20 e saber contar até 20, isso se espera que a criança saiba tanto no inglês quanto no português, além de saber escrever seu próprio nome com a letra maiúscula no início e o restante em minúscula. Observei que antes do final do ano letivo algumas crianças já até superaram essa expectativa, algumas já estão conseguindo até ler algumas palavras sozinhas como: Sol, bola, sapo, lua, gato, rato, sapato, vaca, lata, mala, lado, maleta, ou seja, palavras de duas ou três sílabas, algumas já sabem contar até o 100, mesmo que sem saber escrever todos os números. Dessa maneira, concluímos que apesar de algumas professoras acharem o programa de certa forma fraco, ele no fim acaba funcionando, mas ainda não é o suficiente para atender a demanda das particularidades dos alunos, claro que não podemos deixar de valorizar a importância da mediação das professoras e de seus empenhos nesse processo de ensino-aprendizagem, o programa a meu ver deixa a deixar em relação às crianças que tem dificuldade em aprender, ao mesmo tempo, que deparamos com as crianças que já atingiram as expectativas, também podemos verificar alunos que ainda nem reconhecem todas as letras do alfabeto, ainda não sabem contar nem até o 20.

Se por um lado o programa funciona para as crianças que não apresentam dificuldades na aprendizagem, ele já é escasso para os alunos com dificuldades, sendo assim, fica a cargo apenas das professoras de tentarem de alguma maneira auxiliar essas crianças para que consigam atingir pelo menos o mínimo esperado, outro ponto relevante sobre o programa é que ele realmente não exige muito da capacidade das crianças, nesse ano, encontra-se uma criança com o nível um pouco acima das outras da mesma classe em relação ao seu desenvolvimento na aprendizagem, e em relação a esse aluno, o programa já se tornava fraco, pois não consegue exigir mais, e por conta disso, percebi que diversas vezes a criança se sentia desmotivada na hora de realizar as atividades propostas pois ela considerava fácil.

Por tanto, concluímos que o programa funciona apenas para as crianças sem dificuldades de aprendizagem, mas não consegue incluir as crianças que apresentam

certas dificuldades e nem aquelas que têm uma grande facilidade em aprender, sendo assim, acredito que o programa deva sim, ser melhorado, para que consiga integrar crianças com diferentes níveis de aprendizagem.

Procuramos saber se essas habilidades lingüísticas estão de acordo com a LDB, a lei 9.394/96, trás nos arts. 29, 30 e 31 o reconhecimento da primeira etapa da educação básica, a educação infantil, mostrando os objetivos desta modalidade de ensino, e também a preocupação com o desenvolvimento das crianças que estão na faixa etária de 0 a 6 anos que integram essa etapa educacional. Nesta lei não encontramos informações sobre o ensino da língua estrangeira, pois ela não faz parte da organização do referencial curricular nacional, mas por conta da realidade em que vivemos, o ensino de uma língua estrangeira como o Inglês se tornou fundamental uma vez que está presente em nosso dia-a-dia. Pelos resultados da aprendizagem das crianças no decorrer do ano letivo, notei que quase todos os alunos da turma observada atingiram as habilidades esperadas para a faixa etária e algumas dessas crianças já conseguiram até superar as expectativas, e em relação a esses resultados dos alunos, a coordenação pode ficar satisfeita com o desempenho de suas professoras, o único fator que a diretora da escola reclamou foi sobre a grafia das crianças, que para ela, ainda não estão boas, com isso as professoras podem trabalhar mais com a escrita das crianças.

Baseando nas respostas das professoras, Talita e Rafaela responderam que a leitura e a escrita estão em primeiro lugar assim como afirma o PPP da escola sobre uma das principais prioridades do programa:

Uma das prioridades do programa é fazer os educandos não simplesmente aprenderem a ler, mas também amarem a leitura. A leitura é uma atividade que abre as portas para todas as áreas do conhecimento e ajuda o educando a construir mais conhecimentos e autoconfiança.

Outra habilidade requerida é a Matemática, assim como respondem Amanda quando afirma que é esperado que as crianças aprendam noções básicas de Matemática e Rafaela que acredita que “em segundo lugar vem a Matemática”. O PPP da escola diz que além da leitura, espera-se a escrita e o cálculo, mas todas essas habilidades propostas pelo PPP da escola são esperadas de forma geral, mas os objetivos da Educação Infantil deixa vago o que seria esperado do desenvolvimento das habilidades das crianças nessa etapa, como se pode observar, na Educação Infantil os objetivos são:

- a) Reconhecer as crianças como seres íntegros que aprendem a ser e conviver consigo mesmas, com os demais e com o meio ambiente de maneira articulada e gradual;
- b) Buscar interação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã como conteúdos para a construção de conhecimentos e valores;

c) Associar os conhecimentos sobre espaço, tempo, comunicação e expressão à natureza e às pessoas, em articulação com os cuidados e a educação para a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, as linguagens, o trabalho, o lazer, a ciência e a tecnologia; (citação, data)

Com isso nota-se que o PPP da escola não aborda quais são realmente as habilidades requeridas nessa etapa do desenvolvimento da criança. Percebe-se que lá se trabalha muito com o social e a interação da criança aborda-se apenas o geral que é esperado que são a leitura, escrita e o cálculo, numa perspectiva de educação bilíngüe. De acordo com as observações percebeu-se que nessa fase as crianças começam a identificar e conhecer algumas letras e também fonemas, conseguindo fazer então a sua representação gráfica, sendo esse o início da alfabetização, preparando dessa forma os alunos para a formalização da escrita que irá ocorrer no Year 1 (primeiro ano do Ensino Fundamental).

Percebo que os objetivos gerais esperados pela escola, conseguem ser cumpridos, mas acredito que a escola poderia aprofundar um pouco mais a teoria de Vygotsky que acredita na aprendizagem através da interação dialética entre o sujeito e o meio, tendo o professor o papel de mediador do conhecimento e até mesmo da cultura em que a criança está inserida. Sobre isso, Neves e Damiani (2006, p. 06), citando, Vygotsky (1982) dizem, que a sua teoria afirma que o meio social é determinante no desenvolvimento humano e que isso acontece fundamentalmente pela aprendizagem da linguagem, que ocorre por imitação. Sobre a abordagem Vygotskyana, Neves e Damiani (2006, p. 07) dizem que:

o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere. Assim, é possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro.

A escola diz adotar a teoria de Vygotsky, mas, uma prática que penso que daria certo, seria desenvolver atividades que envolvam mais o inglês, atividades que exijam mais do desenvolvimento da fala da criança na segunda língua, quando a criança está brincando de blocos, quebra-cabeça, interagir com ela na segunda língua, e não apenas deixá-la brincando no centro sem assistência, fazer com que esse momento de aprendizagem seja natural, que as crianças comecem a se comunicar em inglês sem nem

perceber. Pois como Vygotsky traz o indivíduo é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações decorrentes de uma certa cultura, e como estamos falando de uma escola bilíngüe Canadense, deveriam trazer mais conceitos da cultura do Canadá, pois percebi que a metodologia é Canadense mas o currículo é Brasileiro e por isso acabam desviando um pouco o foco da cultura Canadense.

Passando para a pergunta de quais seriam as principais dificuldades que os alunos encontram para se adaptar a estrutura metodológica curricular adotada, não teve outra, todas as professoras tem o mesmo pensamento. A maior dificuldade enfrentada pelos alunos é a linguagem, ou seja, o aprendizado da segunda língua seguido da escrita também da segunda língua (Inglês), acerca desse assunto não foi encontrado referências bibliográficas para que se pudesse ter um parâmetro de comparação. Dessa forma conclui-se que se todas as professoras acreditam que a maior dificuldade dos alunos é em questão da Língua Inglesa e a sua fluência. A escola apresenta um grande problema, uma vez que um de seus maiores objetivos é tornar indivíduos bilíngües. Dessa forma, essa seria uma questão a ser pensada futuramente de o que poderia ser feito para que esse problema seja solucionado. Penso que a dificuldade apresentada pelas crianças em relação ao inglês e a sua fluência, vem devido à forma em que a língua vem sendo tratada dentro do ambiente escolar, é claro que aprender uma nova língua não é fácil, mas se as professoras conversassem mais na segunda língua, interagissem mais com as crianças, principalmente em momentos de brincadeiras, lanche, higiene, intervalos, procedimento de entrada e saída, com certeza já facilitaria o processo de aprendizagem do inglês, uma vez que os alunos aprendem muito por imitação.

Notei que as algumas crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem na segunda língua (inglês), acabam gerando problemas de comportamentos, pois como não entendem o que a professora está falando, acabam se distraíndo com uma facilidade maior, e também ficam mais agitados, e por isso atrapalham a aula, os outros colegas e acabam tendo ainda mais dificuldade em aprender e a se comunicar em inglês.

Sobre a última questão feita direcionada as professoras de quais seriam as estratégias que elas utilizam para facilitar o processo de ensino aprendizado das crianças, obteve-se perguntas variadas, pois cada uma se baseia em estratégias diferentes que acreditam que melhores se encaixam em suas turmas. Sobre isso Amanda diz que: “A maior delas é contextualizar o conteúdo. Fazer o aluno um agente do processo, participativo, questionador, de algo que seja significativo para ele. E respeitar sua individualidade”. Márcia, por outro lado diz que utiliza diferentes recursos didáticos



para facilitar esse processo tais como a multimídia, atividades lúdicas, livros, dinâmicas, músicas, jogos. Talita diz que: “É preciso entender o ritmo de cada criança, quais são suas afinidades e onde ela se sente mais confortável. Por exemplo: uma criança que gosta muito de cozinhar e de participar desse processo em casa poderá ter mais facilidade de leitura com receitas. Crianças mais dinâmicas poderão ser introduzidas aos conteúdos de matemática (como problemas simples) com o uso de manipulativos e jogos dinâmicos. É preciso perceber as necessidades da turma (cada turma é uma turma) e direcionar os trabalhos para atendê-los”. Maria já acredita que a escola dá todo um apoio para fazer com que os alunos que apresentam dificuldades possam ir adquirindo a segunda língua, com suas palavras: “Temos na escola aulas de ESL (English as a Second Language) que dá todo o reforço para fazer com que estes alunos com dificuldade possam gradativamente ir adquirindo a língua, melhorando a compreensão e comunicação até o nível em que estejam aptos a ficarem somente em sala de aula. “Rafaela já traz uma resposta inovadora, a professora tem em mente que a utilização do próprio corpo das crianças seja a melhor estratégia para facilitar o processo de aprendizagem, já que para a ela, “... quanto mais utilizamos o corpo delas para o aprendizado, mais elas aprendem e se concentram no que estão fazendo”.

Percebe-se que sobre a escolha de estratégias fica a cargo de cada professora, sendo assim é interessante ver que todas se empenham de maneira diferenciada para atingir de certa forma todas as crianças, pois se sabe que todos os indivíduos pensam e agem de formas diferentes, dessa forma, aprendem também de forma diferenciada, cada um tem seu tempo e seu ritmo para aprender e se desenvolver seja em questão social ou emocional.

As professoras não trazem em suas respostas como optam por suas estratégias de ensino e como as mesmas são feitas, mas quinzenalmente as docentes têm reuniões de planejamento (organizada por níveis, ou seja, professoras da mesma série se reúnem), onde decidem o que vão ensinar nas próximas duas semanas seguintes, como vão ensinar, que estratégias vão adotar e quais as atividades serão realizadas dentro do tema a ser ministrado. Nessas reuniões ocorrem trocas de informações e de conhecimentos, as professoras compartilham suas idéias para que possam juntas decidir o que melhor se encaixa ao conteúdo. Além dessas reuniões quinzenais entre professoras, existem as chamadas coordenações que são realizadas entre professoras e coordenadoras, nesse espaço as professoras trocam informações com a coordenação a respeito do que está sendo passado em sala de aula, o que está acontecendo, se há algum

problema com as crianças, se precisam de ajuda para solucionar algum eventual conflito, ocorre troca de conhecimentos também. As coordenadoras estão sempre a disposição das professoras caso necessitem de alguma coisa, seja para tirar alguma dúvida ou ajudar a solucionar algum problema.

### Mães

Encontra-se no referencial teórico que as escolas que adotam a educação bilíngüe estão crescendo cada vez mais no Brasil. Nota-se também que os pais estão preocupados com o futuro do filho já que fica claro com pesquisas que sendo um indivíduo bilíngüe fica muito mais fácil conseguir uma vaga de emprego quando se compara a uma pessoa monoglota, devido a isso a pesquisadora foi atrás para saber o principal motivo que os pais apresentam ao optarem em colocar seus filhos em escolas bilíngües. A primeira mãe respondeu que: “Optamos pela escola bilíngüe porque eu e meu marido gostaríamos que nosso filho estudasse o Ensino Médio (High School) no exterior, para que ele tenha um contato com outra cultura que o tornará adaptável, ágil, flexível para enfrentar o mundo com mais confiança e segurança. A escola bilíngüe oferece imersão e fluência no idioma inglês e também oferece o currículo brasileiro que o preparará para as universidades brasileiras.” Com essa resposta nota-se que a preocupação dos pais não está somente no futuro do filho relacionado a emprego e sim uma particularidade, o querer morar fora futuramente, o acreditar que o filho, estudando em uma escola bilíngüe se tornaria “adaptável, ágil e flexível para enfrentar o mundo com mais confiança e segurança”.

A segunda mãe sim está preocupada com o mercado de trabalho, segundo ela: “O mercado de trabalho hoje pede pelo menos uma segunda língua fluente, que nem sempre é fácil achar. Acredito que se meu filho estudar desde cedo em uma escola bilíngüe ele poderá ter uma fluência perfeita na língua para usar em seus estudos e trabalhos, dentro ou fora do país”. Com essa resposta nota-se que as pesquisas acerca do tema é o que de fato acontece na escolha da escola bilíngüe.

A terceira mãe acredita que pelo fato da Língua Inglês ser a língua universal, seja importante então que o seu filho tenha contato com essa língua de forma precoce ou com suas palavras “de forma natural”.

Já a última mãe diz que não foi uma escolha e sim uma oportunidade, uma vez que a mesma conseguiu uma bolsa na escola bilíngüe por trabalhar lá. Nota-se assim que todas as mães apresentam pontos de convergência na opção por uma escola com educação bilíngüe. No fundo, ambas têm o mesmo desejo, estão em busca de um bom futuro para seus filhos, como por exemplo, conseguirem um melhor emprego, uma melhor oportunidade na vida, já que saber pelo menos duas línguas hoje em dia é fundamental e necessário.

Um dos objetivos dessa pesquisa foi saber quais são as expectativas dos pais em relação à escola e se essas estão sendo atendidas. Dessa forma, perguntou-se quais seriam essas e as respostas foram as seguintes: a primeira mãe gostaria que o seu filho fosse inserido em um ambiente bilíngüe e ao mesmo tempo cultural, dessa forma ele não perderia as referências do currículo brasileiro. A segunda mãe quer que o filho aprenda a falar corretamente o Inglês sendo fluente na língua assim como é na língua materna, podendo utilizar a sua língua de forma natural. A terceira e a quarta mãe querem basicamente a mesma coisa que a segunda, que seus filhos falem fluentemente o Inglês e o Português.

Quando se perguntou se acreditavam que a formação (capacitação) dos professores, tendo esses a formação adequada para a área, além de ter uma boa fluência no segundo idioma influenciaria no desenvolvimento dos seus filhos, todas responderam a mesma coisa, mas de forma diferente. A primeira mãe acredita que: "...o professor bilíngüe tem que ter a formação em Pedagogia e possuir um certificado internacional que comprove sua fluência no idioma inglês. Além da capacitação direcionada, o professor tem que ter o perfil adequado: precisa gostar de dar aulas e saber ensinar de forma contextualizada, ou seja, aulas mais dinâmicas e com o suporte da interdisciplinaridade para que a aprendizagem seja efetiva." A segunda mãe fala que: Se a professora não souber falar um inglês fluente, como vai ensinar ao meu filho? As professoras precisam saber falar, argumentar e se expressar na língua inglesa, para passar todas essas características para os alunos. Caso ela não tenha essa desenvoltura, meu filho pode aprender a sua forma de falar, seus detalhes, sotaques e se não for um bom inglês, pode acabar aprendendo errado", a segunda mãe não mencionou o fato da graduação em Pedagogia, se preocupou apenas com a fluência da professora na segunda língua, pois se não tiver um boa desenvoltura com a língua seu filho poderia aprender errado o Inglês. A terceira mãe diz: "É uma escola bilíngüe e não deixa de ser escola. O

professor precisa ter formação adequada assim como fluência na língua que a escola se propõe a lecionar” e a última mãe declara que: A formação é indispensável e fundamental para sua atuação como educador. Não basta somente ter fluência em Inglês”.

Nota-se então que as mães percebem a importância da formação do professor para o desenvolvimento de seus filhos no processo de ensino-aprendizagem, assim venha à tona uma pergunta da pesquisadora. Será que as mães sabem da verdadeira qualificação das professoras que estão “ensinando e educando” os seus filhos? Pois se acredita, que se soubessem não ficariam satisfeitas tendo como base as respostas dadas. O conselho de classe realizado pela escola é apenas interno entre professores e coordenação, mas existem as reuniões semestrais individuais, que as professoras fazem com o pais, onde é conversado sobre como está o processo de desenvolvimento da criança e a sua aprendizagem, nessa reunião é apresentado aos pais os portfólios, com todas as atividades das crianças, para que se possa ser discutido melhor como anda o processo de ensino da criança. Além dessas reuniões semestrais individuais, existem as reuniões quinzenais com todos os pais que se interessarem aqui as professoras apenas dão um geral do que está sendo desenvolvido dentro de sala de aula. Normalmente se os pais têm alguma crítica a ser feita, eles vão diretamente à coordenação, mas a questão de insatisfação em relação ao corpo docente só foi passado às professoras através do questionário realizado pela escola.

Para finalizar perguntou-se estavam satisfeitas com o ensino-aprendizagem de seus filhos e o que acreditavam que poderia ser melhorado. As mães números um e dois, estão felizes, onde a primeira respondeu que: “Percebo que o aprendizado tem sido natural, estimulando a flexibilidade, a linguagem e a capacidade de pensar. Gostaria que houvesse mais oficinas de ciências com experiências, gincana de matemática, oficinas de redação e mais incentivo ao esporte como a criação de um Centro Esportivo, o que torna o aprendizado mais dinâmico e divertido” e a mãe número dois disse que: “...meu filho vem progredindo com o passar dos anos na escola, está mais empolgado com a língua, querendo usar cada vez mais. E acredito que para melhorar seu desempenho, as professoras poderiam cobrar mais uso da língua inglesa, talvez incentivar com atividades e prêmios para o aluno que mais falar inglês, pois assim acredito que terá um desenvolvimento maior na linguagem”.

De fato observou-se que não se cobra tanto o uso da segunda língua, principalmente em momentos fora de sala de aula e acredita-se que são nesses momentos em que as crianças mais aprendem, pois estão brincando e se divertindo, até mesmo em sala o uso da segunda língua está ficando cada vez mais descontínuo, as professoras estão cobrando cada vez menos o uso da mesma. A primeira mãe por acreditar ser mais fácil aprender brincando acha que a escola deveria investir mais em esportes, mas para isso deve-se haver uma certa “cobrança” em relação a segunda língua, ou seja, a professora se comunica em Inglês e se o aluno responder em Português, tentar de alguma forma fazer com que esse também se comunique na segunda língua, mas sem deixar que a aprendizagem seja uma forma prazerosa para as crianças.

De acordo com Silva (2011, p. 09), a teoria behaviorista diz a que a aprendizagem de uma língua se dá de acordo com a exposição ao meio e também devido à imitação. Dessa forma acredito que se houvesse uma maior interação professor-aluno, a aprendizagem da segunda língua seria mais fácil e natural, os alunos iam começar a se sentirem mais seguros e confortáveis para se comunicar na língua estrangeira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa observou-se que algumas professoras não estão completamente satisfeitas com a seleção didática (programa) e currículo adotado pela escola, uma vez que essas apontam diversos problemas e insuficiência pedagógica dentro desse, já que essas professoras necessitam adaptar o programa para melhor desenvolvê-lo. Um ponto chave que a pesquisa chegou foi saber que todas as professoras concordam que uma das principais dificuldades apresentadas pelos alunos é a fluência e a escrita da segunda língua, visto que o maior objetivo da escola é oferecer uma educação bilíngüe de qualidade.

As mães estão certas de que a formação adequada das professoras é um fator de extrema relevância para que haja um processo de ensino-aprendizagem de eficácia, mas uma mãe por dizer que o programa da escola pesquisada está abaixo das outras escolas de Brasília, leva a concluir que existe alguma coisa a ser mudada na metodologia e no currículo da escola observada.

O trabalho tinha como objetivo geral, identificar e investigar a organização do trabalho pedagógico dando importância à formação do professor para o desenvolvimento da criança em um contexto de educação de imersão na língua-alvo, ou seja, na educação bilíngüe. Tendo como objetivos específicos: Ao analisar a formação dos professores; verificar o uso de estratégias por parte das professoras para facilitar o ensino-aprendizagem; investigar as habilidades que as crianças observadas possuem na segunda língua; constatar as dificuldades apresentadas pelos alunos; discutir a escolha do material didático. Acredito que os objetivos do trabalho foram alcançados, mas não com aprofundamento que pretendia, uma vez que não foi de fácil acesso coletar os dados para a pesquisa, devido a essas circunstâncias, os objetivos não tiveram tanto fundamento e parâmetros para comparação como planejado.

Como pesquisadora, recomenda-se que a escola faça novas análises a cerca de sua Proposta Pedagogia e programa adotado, além de ouvir os professores, trabalhando mais em coletivo com o grupo docente e com a família assim como é previsto no PPP. Deve-se investir com mais veemência na formação continuada e na valorização dos professores, tendo em vista que esse investimento reflete diretamente na formação do educando.

Para pesquisas futuras, considero relevante, investigar mais sobre o bilingüismo e como esse deve ser abordado na educação infantil, uma vez que é um

assunto que vem crescendo cada vez mais, e por isso deve ser estudado com um vigor maior, além de serem poucos os estudos sobre o tema em questão.

Se a pesquisa fosse feita novamente na mesma escola e com os mesmos entrevistados, provavelmente eu mudaria o roteiro de entrevista, sendo mais focada aos meus objetivos e a cada resposta dada pelo entrevistado questionaria sobre as respostas dadas para entender melhor o seu pensamento, facilitando então a observação.

### **PARTE III**

#### **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Ao entrar para o curso de Pedagogia, não fazia muita idéia de que área gostaria de atuar e me especializar, com o decorrer do curso e com a ajuda de estágios tive a certeza que a minha dedicação não seria outra se não a educação infantil.

Devido ao meu atual trabalho ser em uma escola com educação bilíngüe, várias dúvidas surgiram acerca desse tema, inclusive foi esse o grande motivo de escolher esse assunto para me aprofundar. Não pretendo parar de buscar novos conhecimentos acerca do bilingüismo, uma vez que gosto muito da metodologia diferenciada, mesmo tendo em vista que a escola possui algumas peculiaridades a serem desenvolvidas e melhoradas.

Dessa forma, tenho um grande interesse em continuar minha pesquisa futuramente, baseando-me em novas referências teóricas, como meio de me ajudar na prática de ensino, uma vez que ainda tenho a pretensão de me manter crescendo dentro da atual empresa da mesma forma de quando entrei, além de fazer uma possível especialização na área da presente pesquisa.



## REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB* – Resolução nº 2/2001.

BRASIL.CNE/CEB Parecer nº 17/2001 - CNE/CEB, Brasília 2007.

BRASIL. **Pró letramento, Programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental – Alfabetização e Linguagem**, Ministério da Educação 2008. Acessado em: 09/11/2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12616&Itemid=842](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12616&Itemid=842)

BULGRAEN , Vanessa C. : **O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO. Revista Conteúdo – Artigo 2009.**  
Disponível em: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>  
Acessado em: 04/11/2012

CÂMARA, Maria: **Interdisciplinaridade e formação de professores na UCG: Uma experiência em construção.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UnB, 1999.

DAMIANI E NEVES : **VYGOTSKY E AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM**  
UNIrevista - Vol. 1, nº 2 : (abril 2006) ISSN 1809-4651 – ano 2006 Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/educadores/Artigos/PDF/vygotsky.pdf> Acessado em: 08/11/2012

Fazenda, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro – efetividade ou ideologia.** 5ª edição 2002 – São Paulo.

FLORY, Elizabete e SOUZA, Maria Tereza. **BILINGÜISMO: Diferentes definições, diversas implicações.** Revista Intercâmbio, volume XIX: 23-24, 2009. São Paulo.

LEIS, Héctos. **Sobre o conceito de interdisciplinaridade,** *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, 2005. Disponível em: <http://ppgich.ufsc.br/files/2009/12/TextoCaderno73.pdf>

LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 9ª edição.

OLIVEIRA, Ana Maria Valente. **Interdisciplinaridade no 3.º CEB: perspectivas e Implementação,** 2005. Acessado em: 09/11/2012  
Disponível em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1293/1/2007001222.pdf>

MAPLE BEAR. **PROPOSTA PEDAGÓGICA da escola observada – Brasília DF** - 05/03/2010.

MARCELINO, Marcello. **BILINGÜISMO NO BRASIL: significado e expectativas.** Revista Intercâmbio, volume XIX: 1-22 2009. São Paulo.

MARTIN, A. J. (ORG). Educação continuada: *Reflexões, alternativas* Campinas, SP: Papirus, 2000. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico

OLIVEIRA, Cristiano. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS, TÉCNICAS E CARACTERÍSTICAS:** Travessias ed. 04 ISSN 1982-5935 Educação, Cultura, Linguagem e Arte 2008. Acessado em: 09/11/2012. Disponível em: [http://www.caifcom.com.br/aula\\_setembro/artigo\\_metodologia\\_qualitativa.pdf](http://www.caifcom.com.br/aula_setembro/artigo_metodologia_qualitativa.pdf)

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade**, capítulo retirado do livro: **Interdisciplinaridade, Humanismo Universidade**, PIMENTA, Carlos 2005, 240 p.

SANTOS, Luiz. O TRAÇADO DA METODOLOGIA: Tipologia quanto aos objetivos – o primeiro enquadramento. Acessado em: 09/11/2012. Disponível em: [http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/100\\_O\\_TRACADO\\_METODOLOGIA01042010-202629.pdf](http://www.lcsantos.pro.br/arquivos/100_O_TRACADO_METODOLOGIA01042010-202629.pdf)

SAVIANI, Dermeval: **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro** Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf> Acessado em: 09/11/2012.

SILVA, Raquel. **Aquisição de segunda língua em contexto de educação bilíngüe: processos dialógicos no trabalho pedagógico.** Monografia de Graduação. Faculdade de Educação da UnB, 2011.

SISTO, F.F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L.D.T. (ORG) 4<sup>a</sup> ed. Leituras de psicologia para formação de professores – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.

Sommerman, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade? : da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes** – São Paulo: Paulus, 2008, 2<sup>a</sup> edição.

## APÊNDICE A

Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação – FE

Professora,

Peço a colaboração para responder ao questionário, um instrumento de coleta de dados que dará suporte à minha monografia, cujo interesse está voltado para a análise da organização do trabalho pedagógico.

Agradeço desde já sua importante contribuição,  
Luana Pricilla dos Santos

- 1) Qual a sua formação? (Graduação, Doutorado, Mestrado).

---

- 2) Quantos anos de experiência lecionando idiomas você tem?

---

- 3) Você já morou no exterior? Quanto tempo? Você considera essa experiência significativa para a sua atuação como professora?

---

---

---

---

- 4) Ocorre interdisciplinaridade em sua prática docente? Como ela é realizada pelos professores?

---

---

- 5) Como você faz a seleção didática das atividades e materiais? A escola possui materiais próprios, que devem ser seguidos? Há alguma flexibilidade na adoção de outros materiais ou não?

---

---

- 6) Como você avalia o material didático que utiliza?

---

---

- 7) Quais são as habilidades mais requeridas dos alunos (o que se espera que os alunos aprendam)? Ex: Atividades motoras, atividades bilíngües (escrita, fala e leitura).

---

---

---

---

- 8) Quais as principais dificuldades que os alunos encontram para se adaptar a estrutura metodológica curricular adotada?

---

---

---

---

- 9) Quais são as estratégias que você utiliza para facilitar o processo ensino-aprendizado das crianças?

---

---

---

---

**APÊNDICE B**

Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação – FE

Prezados pais,

Peço a colaboração para responder ao questionário, um instrumento de coleta de dados que dará suporte à minha monografia, trabalho conclusivo do curso de Pedagogia, cujo interesse está voltado para a análise da organização do trabalho pedagógico.

Agradeço desde já sua importante contribuição,  
Luana Pricilla dos Santos

- 1) Por que a escolha por uma escola bilíngüe?

---

---

---

- 2) Quais são as suas expectativas?

---

---

---

---

- 3) Você acredita que a formação (capacitação) dos professores (os mesmos devem ser formados na área de atuação, além de ter uma boa fluência na segunda língua em questão) influencia no desenvolvimento do(a) seu(sua) filho(a)?

---

---

---

---

---

- 4) Você está satisfeita com o ensino-aprendizagem do(a) seu(sua) filho(a)? O que acredita que pode ser melhorado?

---

---

---

---